



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS - CNM
CURSO RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ramon Samuel de Almeida

Fogo e Sangue: a aplicabilidade do conceito de segurança ontológica na narrativa
de Daenerys Targaryen

Florianópolis, Santa Catarina

2023

Ramon Samuel de Almeida

Fogo e Sangue: a aplicabilidade do conceito de segurança ontológica na narrativa de Daenerys Targaryen

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Relações Internacionais do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em relações internacionais.

Orientador(a): Prof.(a) Danielle Jacon Ayres Pinto

Florianópolis, Santa Catarina

2023

Ficha de identificação da obra

Almeida, Ramon Samuel

Fogo e Sangue : A aplicabilidade do conceito de segurança ontológica na narrativa de Daenerys Targaryen / Ramon Samuel Almeida ; orientador, Danielle Jacon Ayres Pinto, 2023.
106 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. segurança ontológica. 3. game of thrones. 4. relações internacionais. 5. autoidentidade. I. Pinto, Danielle Jacon Ayres . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

Ramon Samuel de Almeida

Fogo e Sangue: a aplicabilidade do conceito de segurança ontológica na narrativa de Daenerys Targaryen

Florianópolis, 24 de novembro de 2023.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Danielle Jacon Ayres Pinto, Dr.(a)

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Jéssica Maria Grassi

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Elany Almeida de Souza
Escola de Comando e Estado Maior do Exército

Certifico que esta é a **versão original e final** do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Prof.(a) Danielle Jacon Ayres Pinto Dr.(a)

Orientador(a)

Florianópolis, 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, que sempre esteve ao meu lado com apoio incondicional. Seu amor foi fundamental para que eu pudesse superar os desafios que surgiram ao longo do caminho.

Gostaria de dedicar uma parte especial deste agradecimento ao meu pai, que infelizmente nos deixou antes de ver este momento. Seu esforço incansável ao longo de sua vida para me proporcionar as oportunidades que eu tenho hoje é algo que guardarei para sempre em meu coração.

À minha irmã Paolla e ao meu cunhado Éliton, quero expressar minha profunda gratidão por estarem sempre presentes nos momentos difíceis. Sua capacidade de trazer leveza e apoio nos momentos em que mais precisei foi inestimável, e sou grato por tê-los ao meu lado.

Não posso esquecer de mencionar meus amigos, em especial Matheus Lira. Com ele, compartilhei não apenas experiências acadêmicas, mas também desafios, vitórias e momentos inesquecíveis ao longo desse processo. Sua amizade e parceria foram essenciais para enfrentar os obstáculos que surgiram no caminho.

Por último, mas não menos importante, desejo expressar minha gratidão à universidade pública de qualidade que me acolheu e me proporcionou a abertura de portas que mudaram minha vida. Acredito firmemente na importância das instituições de ensino públicas e na sua contribuição para a formação de cidadãos conscientes.

RESUMO

O objetivo da pesquisa é analisar a aplicabilidade do conceito de segurança ontológica, que recentemente passou a ser utilizado o estudo das relações internacionais, na história de Daenerys Targaryen. Compreendendo o objetivo da pesquisa, este estudo empregou o método hipotético dedutivo para analisar a aplicação do conceito de segurança ontológica na trajetória da personagem Daenerys Targaryen na série *Game of Thrones*. A hipótese central proposta sugeria que a insegurança ontológica de Daenerys era desencadeada pela ruptura em sua narrativa, motivada pela perda de elementos fundamentais que moldaram sua identidade no contexto da trama. Estes elementos incluíam a morte de seus dragões, a ameaça à legitimidade de sua reivindicação ao trono, a traição e morte de conselheiros próximos e o antagonismo de Cersei. A hipótese previa que a ansiedade resultante dessa disrupção culminaria em um desfecho brutal. Ao longo da pesquisa, analisou-se minuciosamente a evolução da personagem, desdobrando os elementos que compunham sua busca por segurança ontológica. Esses elementos foram organizados em três pilares fundamentais: a legitimidade de sua pretensão ao Trono de Ferro, a importância de seus dragões como símbolos de poder e herança Targaryen e o círculo de confiança com seus aliados. Os resultados revelaram que a relação entre a insegurança ontológica de Daenerys e suas ações finais na série era mais intrincada do que inicialmente postulado. Embora a insegurança ontológica desempenhasse um papel central, sua transformação em uma figura autoritária e violenta no desfecho da narrativa também foi influenciada por uma série de outros fatores. Neste contexto, o estudo ofereceu insights profundos para a análise de personagens fictícios, destacando como conceitos complexos, como a segurança ontológica nas Relações Internacionais, podem ser aplicados em contextos de narrativas. Ele ressaltou a importância de considerar múltiplos fatores ao avaliar personagens fictícias em relação a conceitos complexos. Em última análise, a pesquisa demonstrou que a relação entre insegurança ontológica e ações finais é multifacetada e não pode ser reduzida a uma única causa. Portanto, este estudo contribui para a compreensão de análises narrativas e como conceitos complexos podem ser aplicados em contextos fictícios. A complexa jornada de Daenerys Targaryen iluminou questões morais, éticas e existenciais que afetam indivíduos e Estados em sua busca por segurança ontológica.

Palavras-chave: segurança ontológica; game of thrones; relações internacionais; autoidentidade; ansiedade.

ABSTRACT

The research aims to analyze the applicability of the concept of ontological security, which has recently been employed in the field of International Relations, to the narrative of Daenerys Targaryen. In line with the research objective, this study employed the hypothetical-deductive method to examine the application of the ontological security concept in the trajectory of the character Daenerys Targaryen in the series Game of Thrones. The central hypothesis proposed suggested that Daenerys' ontological insecurity was triggered by the disruption in her narrative, motivated by the loss of fundamental elements that shaped her identity within the plot. These elements included the death of her dragons, the threat to the legitimacy of her claim to the throne, the betrayal and death of close advisors, and the antagonism of Cersei. The hypothesis predicted that the resulting anxiety from this disruption would culminate in a brutal outcome. Throughout the research, the character's evolution was meticulously analyzed, unfolding the elements that composed her quest for ontological security. These elements were categorized into three fundamental pillars: the legitimacy of her claim to the Iron Throne, the significance of her dragons as symbols of power and Targaryen heritage, and the circle of trust with her allies. The results revealed that the relationship between Daenerys' ontological insecurity and her final actions in the series was more intricate than initially postulated. While ontological insecurity played a central role, her transformation into an authoritarian and violent figure in the narrative's conclusion was also influenced by a series of other factors. In this context, the study provided profound insights into the analysis of fictional characters, highlighting how complex concepts, such as ontological security in International Relations, can be applied in narrative contexts. It underscored the importance of considering multiple factors when evaluating fictional characters in relation to complex concepts. Ultimately, the research demonstrated that the relationship between ontological insecurity and final actions is multifaceted and cannot be reduced to a single cause. Therefore, this study contributes to the understanding of narrative analysis and how complex concepts can be applied in fictional contexts. Daenerys Targaryen's complex journey shed light on moral, ethical, and existential issues that affect individuals and states in their quest for ontological security.

Keywords: ontological security; game of thrones; international relations; self identity; anxiety.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - VISERYS E DAENERYS NO MOMENTO QUE ELA É APRESENTA PARA DROGO.....	35
FIGURA 2 – MORTE DE VISERYS TARGARYEN.....	38
FIGURA 3 – MAPA DE WESTEROS	40
FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO DA ILHA DA PEDRA DO DRAGÃO.....	41
FIGURA 5 – VISERYS E RHAENYRA CONVERSANDO SOBRE OS DRAGÕES	44
FIGURA 6 – DAENERYS E DROGON NO MOMENTO DO NASCIMENTO DOS DRAGÕES	47
FIGURA 7 – MAPA DA REGIÃO CENTRAL DE ESSOS	51
FIGURA 8 – LOCALIZAÇÃO DE QARTH.....	52
FIGURA 9 – MAPA DO MUNDO CONHECIDO.....	53
FIGURA 10 – LOCALIZAÇÃO DE ASTAPOR	54
FIGURA 11 – JORAH MORMONT E DAENERYS TARGARYEN	61
FIGURA 12 – VERME CINZA E MISSANDEI.....	62
FIGURA 13 – TYRION LANNISTER E VARYS, O ARANHA.....	65
FIGURA 14 – JON SNOW E DAENERYS NA ILHA DA PEDRA DO DRAGÃO	67
FIGURA 15 – LOCALIZAÇÃO DE WINTERFELL E DA MURALHA.....	68
FIGURA 16 – DAENERYS NO MOMENTO DA MORTE DE VISERION.....	79
FIGURA 17 – DAENERYS DURANTE O VELÓRIO DE JORAH MORMONT	86
FIGURA 18 – DAENERYS NO MOMENTO DA MORTE DE MISSANDEI.....	88
FIGURA 19 – CERSEI LANNISTER NO TRONO DE FERRO	91
FIGURA 20 – CENA DE DROGON DURANTE A INVASÃO DE PORTO REAL	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	COMPREENDENDO O CONCEITO DE SEGURANÇA ONTOLÓGICA E SUA INSERÇÃO NA ORDEM POLÍTICA DE WESTEROS.....	14
2.1	AS RAÍZES DO CONCEITO DE SEGURANÇA ONTOLÓGICA	15
2.2	O REALISMO DE MEARSHEIMER E A SEGURANÇA ONTOLÓGICA DOS ESTADOS.....	20
2.3	A SEGURANÇA ONTOLÓGICA DE DAENERYS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	24
3	A CONSTRUÇÃO DA SEGURANÇA ONTOLÓGICA DE DAENERYS TARGARYEN.....	33
3.1	OS PRIMEIROS PASSOS DE DAENERYS TARGARYEN	33
3.2	O ÚLTIMO DRAGÃO: ASCENSÃO E DECLÍNIO DA CASA DO DRAGÃO	39
3.3	A TRAJETÓRIA DE UMA RAINHA SEM TRONO	45
3.4	AS CABEÇAS DO DRAGÃO: A REDE DE ALIADOS DE DAENERYS TARGARYEN	60
3.5	UMA TRILOGIA DA SEGURANÇA ONTOLÓGICA	70
4	A INSEGURANÇA ONTOLÓGICA E O EPÍLOGO DE DAENERYS TARGARYEN.....	75
4.1	A MORTE DOS DRAGÕES	76
4.2	A LEGITIMIDADE COMPROMETIDA.....	80
4.3	TRAIÇÕES E MORTE: O DESMANTELAMENTO DO CÍRCULO DE ALIADOS	84
4.4	O PAPEL DE CERSEI LANNISTER NA INSEGURANÇA DE DAENERYS TARGARYEN.....	90

4.5	O GRANDE EPÍLOGO.....	92
5	CONCLUSÃO.....	98
	REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

A busca pela segurança ontológica, um estado de confiança na autoidentidade e na continuidade biográfica, é uma jornada complexa que permeia a vida de indivíduos e se insere na esfera das Relações Internacionais. Este conceito, inicialmente introduzido por Ronald D. Laing e posteriormente desenvolvido por Anthony Giddens, destaca a importância da continuidade biográfica, da autoidentidade e da confiança para a sensação de segurança ontológica. A noção de segurança ontológica, que tem suas raízes no estudo do indivíduo, estende-se para o nível internacional, uma vez que os Estados e as sociedades buscam, de maneira semelhante, segurança e estabilidade.

O presente trabalho se propõe a explorar e analisar o conceito de segurança ontológica sob a lente de uma narrativa ficcional extraordinária: a jornada da personagem Daenerys Targaryen na renomada série de televisão *Game of Thrones*. São utilizadas cenas da série e trechos dos livros de *A Song of Ice and Fire* de George R.R. Martin, para compor a análise que se procura realizar aqui. A protagonista, Daenerys, serve como uma personagem central que nos permite examinar como a busca por segurança ontológica está intrinsecamente ligada ao desejo de poder, autodeterminação e sobrevivência, não apenas a nível individual, mas também nas relações internacionais.

Sendo assim, a pergunta de partida desse estudo é: Como o conceito de segurança ontológica no contexto das Relações Internacionais pode ser aplicado para explicar o desfecho violento da narrativa de Daenerys Targaryen na série televisiva *Game of Thrones*? A hipótese construída gira em torno da premissa de que a insegurança ontológica da Daenerys é provocada pela ruptura causada em sua narrativa pela perda dos principais elementos que construíram o que a personagem representa no mundo de *Game of Thrones*. Sendo eles: a morte de seus dois dragões, a ameaça à legitimidade de sua reivindicação ao trono, a morte de alguns de seus conselheiros e a traição por parte de outros e, o antagonismo de Cersei. A ansiedade causada por essas rupturas resulta no desfecho brutal da história da personagem. A fim de entender a relação de causalidade entre essas coisas, foi determinada como

variável independente a insegurança ontológica de Daenerys Targaryen, e como variável dependente, o desfecho violento que culmina na destruição de Porto Real (*King's Landing* em inglês) e na morte da personagem. O falseamento da hipótese é realizado através da comparação entre o desfecho da narrativa da personagem e outras situações nas quais ela sofre ameaças à segurança ontológica. Por exemplo, a morte de Khal Drogo, sua dificuldade para adentrar Qarth, sua partida de Meeren, as traições que sofre e o antagonismo de Cersei. O que se procura entender com esse falseamento, é de que forma essas situações tornam Daenerys ontologicamente insegura e qual a reação dela diante das situações escolhidas para o falseamento, e o estudo determina qual fator influencia na diferença das reações para cada uma das ameaças.

O objetivo geral da pesquisa é compreender de que forma a segurança ontológica pode ser aplicada para a compreensão das complexas nuances na narrativa de Daenerys Targaryen. Não se tem a intenção de traçar paralelos com eventos da realidade, mas sim de identificar como a teoria e a ficção conversam e mostram que a ansiedade que atravessa a história da personagem é resultado das ameaças que ela sofre enquanto um ator que necessita de uma continuidade biográfica composta por elementos que quando ameaçados vão levar ao desfecho violento que acarreta na quase completa destruição de Porto Real e na morte da monarca da Casa Targaryen.

Daenerys Targaryen é inicialmente apresentada como uma figura vulnerável em um mundo complexo e impiedoso. Sua jornada começa com um casamento arranjado com o líder dos guerreiros Dothraki, e ela se vê confrontada com o desafio de se adaptar aos costumes e tradições dessa cultura nômade. Esse casamento simboliza o início de sua busca por segurança ontológica. À medida que ela assimila e se compromete com as normas dos Dothraki, sua identidade começa a se moldar e sua busca por segurança ontológica se intensifica.

No entanto, sua jornada está longe de ser linear. Daenerys enfrenta uma série de desafios, desde a morte de Khal Drogo até sua luta pela sobrevivência. A insegurança ontológica é uma constante em sua vida, e seu desejo de recuperar o

poder e a dignidade de sua família, a Casa Targaryen, é central em sua narrativa. A legitimidade de sua reivindicação ao Trono de Ferro, como a última herdeira dessa casa outrora poderosa, torna-se um dos pilares de sua busca por segurança ontológica.

Mas a legitimidade sozinha não é suficiente para garantir sua segurança ontológica. Os dragões, que renascem após séculos de extinção, desempenham um papel crucial nessa busca. Os dragões não são apenas símbolos de seu poder militar, mas também representam uma conexão mágica única com sua herança Targaryen. Eles personificam a restauração do legado de sua família e, como tal, são elementos vitais em sua busca por segurança ontológica.

Além disso, Daenerys constrói um círculo de aliados leais que contribuem significativamente para sua segurança ontológica. Eles desempenham papéis distintos e desempenham funções importantes em sua busca pelo trono e sua segurança ontológica.

A jornada de Daenerys é multifacetada e repleta de transformações. Ela evolui daquela figura vulnerável e inocente para uma líder ferozmente determinada a governar Westeros. Seu tempo em Meereen, onde enfrenta desafios como rebeliões e conflitos internos, é outro reflexo da complexidade de sua busca por segurança ontológica. A incerteza de sua chegada em Westeros e a aceitação de seu domínio sobre os Sete Reinos são elementos que também afetam sua segurança ontológica ao mesmo tempo que a constrói.

Em resumo, a jornada de Daenerys Targaryen é uma narrativa cativante de transformação e crescimento, na qual sua busca por segurança ontológica desempenha um papel central. Os três pilares que sustentam essa busca - legitimidade, dragões e alianças - são fundamentais para a compreensão de seu desenvolvimento em um mundo complexo, onde o desejo de poder, autodeterminação e a manutenção da própria identidade estão intrinsecamente ligados à segurança ontológica. Esses pilares servem como base para a análise da aplicabilidade do conceito de segurança ontológica na narrativa dessa personagem, sendo esse o objetivo principal do presente estudo.

Este estudo não apenas explora a complexa narrativa da personagem Daenerys Targaryen, mas também busca ampliar a compreensão do conceito de segurança ontológica, originalmente aplicado ao indivíduo, para o contexto das Relações Internacionais. A busca por segurança e estabilidade não se limita aos seres humanos; os Estados também são motivados pelo medo e pela necessidade de segurança, o que faz com que o conceito de segurança ontológica seja uma perspectiva intrigante para analisar as tensões internas e as transformações que moldam as relações internacionais.

Ao longo deste estudo, será analisada a evolução da personagem Daenerys Targaryen, destacando como sua busca por segurança ontológica é um fator fundamental em sua jornada. Os elementos narrativos, como legitimidade, dragões e alianças, que influenciam seu desenvolvimento e compõem o que garante um estado de segurança ontológica, serão examinados sob a premissa de que a complexidade dessa personagem e de sua busca nos oferece uma visão rica e multifacetada sobre a interseção entre segurança ontológica, poder e identidade, demonstrando como esses elementos são entrelaçados no mundo fictício de Game of Thrones, e como ele serve para entender um conceito que afeta os Estados no mundo real.

Este estudo se propõe a analisar como a segurança ontológica molda a vida e as ações de Daenerys Targaryen e como essa análise pode ser estendida ao estudo das Relações Internacionais, fornecendo uma perspectiva única e intrigante para entender os desafios de segurança que afetam a sociedade contemporânea. A narrativa da jornada de Daenerys é, sem dúvida, uma fonte rica de insights e reflexões que vão além do entretenimento, oferecendo uma compreensão mais profunda de como a busca pela segurança ontológica é essencial para a sobrevivência e o sucesso, ou para os trágicos e violentos eventos que podem ser observados tanto em mundos fictícios quanto nas Relações Internacionais.

2 COMPREENDENDO O CONCEITO DE SEGURANÇA ONTOLÓGICA E SUA INSERÇÃO NA ORDEM POLÍTICA DE WESTEROS

Nos meandros complexos das narrativas fictícias, personagens icônicas emergem como espelhos refletindo aspectos profundos e universais da condição humana. A busca por identidade, pertencimento e estabilidade são temas recorrentes que ressoam através das histórias, transcendendo os limites da realidade. Nesse contexto, a aplicabilidade do conceito de segurança ontológica revela-se uma lente analítica intrigante, permitindo uma exploração mais profunda das tensões internas e transformações que moldam as jornadas dos protagonistas. No centro desta investigação está a figura cativante de Daenerys Targaryen, cuja trajetória épica na série *Game of Thrones* transcende as páginas ou as telas. Ao mapear o que forma sua jornada de busca por identidade e lugar em um mundo repleto de desafios e incertezas, este estudo busca lançar luz sobre como a aplicação do conceito de segurança ontológica pode oferecer uma inusitada perspectiva que pode auxiliar na compreensão da narrativa de Daenerys Targaryen e de que forma ela pode ser relevante para o campo de estudos das Relações Internacionais.

O presente capítulo está dividido em três seções durante as quais se procura demonstrar de que forma o conceito de segurança ontológica poderá ser aplicado durante o restante do trabalho. Na primeira seção é apresentada a origem do conceito de segurança ontológica com Laing (1961), um profissional escocês da psicanálise que foi conhecido por ser um feroz crítico da psiquiatria tradicional e por defender uma abordagem mais humanística para os pacientes. Além disso, são apresentadas as ramificações da segurança ontológica que foi utilizada também no campo da sociologia. O responsável pela importação desse conceito para esta área de estudos foi Giddens (1991), um sociólogo britânico conhecido por suas teorias sobre a modernização e a globalização, argumentando que a modernidade é caracterizada por mudanças radicais nas estruturas sociais e pela crescente interconexão global. Ele explorou questões relacionadas à identidade, confiança e segurança em um mundo cada vez mais globalizado. Apesar da ampla utilização de autores que debatem o tema no campo das Relações internacionais durante o decorrer de todo o capítulo, é na segunda seção que se debruça sobre como o conceito é traduzido para

as RI, procurando entender como o realista Mearsheimer (2001) auxilia nesse processo ao falar sobre o racionalismo dos grandes poderes do sistema internacional. Ele foi um dos teóricos que contribuiu para que as visões dominantes do final do século XX fossem postas em questionamento, criticando as visões otimistas do liberalismo e do construtivismo. Na última seção, através da compreensão de que a ordem política westerosi existe no mesmo mundo no qual os Estados absolutistas vivem, se faz a conexão entre as teorias discutidas anteriormente e a lógica pré-moderna que será utilizada para entender a aplicabilidade delas na narrativa de Daenerys Targaryen.

2.1 AS RAÍZES DO CONCEITO DE SEGURANÇA ONTOLÓGICA

O conceito que vai permear a inteiridade desse trabalho tem origem com Ronald D. Laing na sua obra de 1961 intitulada *The Divided Self: An Existential Study in Sanity and Madness*. Nesse livro, o autor define o conceito como um que se utiliza de uma visão empírica da ontologia, o que estabelece que a discussão sobre segurança ontológica não é um debate filosófico. Ao abordar quais são as três principais formas de ansiedade que um indivíduo ontologicamente inseguro encontra, o elemento central que se destaca é o que o autor chama de '*dread*' e poderá ser traduzido como terror ou medo na discussão em língua vernácula do português sobre o tema. A centralidade desse termo na compreensão de segurança ontológica é corroborada por Croft e Vaughan-Williams (2016, p. 19-20) que apontam que o medo e o gerenciamento do medo são aquilo que nos permite entender a forma que a segurança ontológica é mantida através das coisas que formam uma espinha para a continuidade biográfica. O medo tem tamanha significância na vivência do indivíduo que ele o coloca numa situação na qual os pormenores da rotina podem se tornar insuportavelmente aterrorizantes, causando tamanha ansiedade que Laing (1961, p. 42) vai sugerir que uma pessoa nessa situação pode preferir se abster de relações sociais. No entanto, é importante se ter em mente a diferenciação entre medo e ansiedade, já que conforme Gustafsson e Krickel-Choi (2020, p. 878) ela não é amplamente discutida, o que torna a aplicação dos dois termos ambígua. Em seu livro *Conflict Resolution and Ontological Security: Peace Anxieties*, Rumelili (2015, p. 2) escolhe a definição na qual o presente trabalho se baseia: "Enquanto medo é uma

resposta à uma ameaça específica e, portanto, tem um objeto definido, a ansiedade é um estado de emoções generalizadas do indivíduo” (*tradução nossa*).¹

Em relação à continuidade biográfica, como concebida por Anthony Giddens em seu livro *Modernity and Self Identity: Self and Society in The Late Modern Age* de 1991, ela é o que proporciona ao indivíduo segurança ontológica. Ela é construída através do senso de autoidentidade que o ser humano desenvolve ao longo da sua vida, mas é ela também que garante a existência da autoidentidade. Sobre autoidentidade Giddens (1991, p. 53) escreve:

Autoidentidade não é uma característica distintiva, ou mesmo uma coleção de características possuída por indivíduos. Ela é o eu compreendido reflexivamente pela pessoa nos termos de sua biografia. Identidade aqui ainda presume continuidade ao longo do tempo e espaço; mas autoidentidade é essa continuidade interpretada reflexivamente pelo agente (*tradução nossa*).²

Ademais, a continuidade biográfica é mais do que a manutenção do ‘eu’ em se manter exatamente o mesmo, ela é na verdade sobre sua capacidade de se adaptar dinamicamente diante de situações que lhe causam disrupções, justamente para que sua segurança ontológica não seja afetada, ou pelo menos que os danos a ela sejam mitigados.

No entanto, a continuidade biográfica é apenas um dos elementos que vai proporcionar segurança ontológica para as pessoas. Anthony Giddens é um autor da sociologia que traz o conceito trabalhado aqui para além do indivíduo, conforme reforçado por Croft e Vaughan-Williams (2016, p. 15) que dizem que essa (in)segurança ontológica é sobre o indivíduo, mas é sobre um indivíduo que está

¹ Anxiety is a generalised state, and is to be distinguished from fear, which is linked to a specific threat and therefore has a definite object (Rumelili, 2015, p. 2).

² Self-identity is not a distinctive trait, or even a collection of traits, possessed by the individual. It is the self as reflexively understood by the person in terms of her or his biography. Identity here still presumes continuity across time and space: but selfidentity is such continuity as interpreted reflexively by the agent (Giddens, 1991, p. 53).

inserido em uma rede de entendimentos sociais compartilhados pela sociedade como um todo.

Sendo assim, Giddens (1991, p. 36) traz consigo em sua obra o termo atitude natural que pode ser compreendido, em termos mais simples, como rotina. A atitude natural é construída através das coisas do cotidiano que são tomadas por garantidas, no sentido de que existem aspectos do dia a dia que escondem um caos que deve ser de certa forma ignorado para que os indivíduos inseridos numa sociedade possam viver ontologicamente seguros. Rotina é algo que faz parte da construção da segurança ontológica para qualquer indivíduo:

Todos os indivíduos desenvolvem uma estrutura de segurança ontológica de algum tipo, baseada em várias formas de rotina. Pessoas lidam com os perigos, e os medos associados a eles, em termos das fórmulas emocionais e comportamentais que vieram a se tornar parte do comportamento e pensamento do dia a dia delas (Giddens, 1991, p. 44, *tradução nossa*).³

Após compreender-se que a segurança ontológica é garantida por uma rotina livre de disrupções – que levariam ao sucumbir do indivíduo ao estado de terror – que vai compor uma continuidade biográfica consistente, e que por sua vez é moldada pela autoidentidade do indivíduo, é importante entender o papel fundamental de uma narrativa consistente. O termo narrativa é amplamente usado na cultura popular e conforme Andrews *et al.* (2008, p. 2) ela é uma ferramenta que possibilita políticos, jornalistas e cidadãos num geral a alcançarem um entendimento geral do que estão repassando ou tentando absorver. No campo da psicologia se é fortemente estudado o uso da narrativa como coordenadora do modo que o psicológico humano se organiza e, conforme Manita (2001, p. 60) aponta, apesar das distinções entre as definições do termo ‘narrativa’ que os principais estudiosos utilizam, eles concordam que, entre outros elementos, a produção de significações e sentidos é um dos elementos que

³ All individuals develop a framework of ontological security of some sort, based on routines of various forms. People handle dangers, and the fears associated with them, in terms of the emotional and behavioural ‘formulae’ which have come to be part of their everyday behaviour and thought (Giddens, 1991, p. 44).

definem o conceito. Nesse sentido a narrativa pode inclusive ser um meio para identificação com algo que se consome em diversas mídias.

Com isso em mente, a utilização da narrativa construída para a personagem Daenerys Targaryen oferece um objeto de estudo valioso para a compreensão do conceito de segurança ontológica nas Relações Internacionais. Isso porque de acordo com Croft e Vaughan-Williams (2016, p. 24) as narrativas são os enredos que provém (des)continuidades biográficas e (in)segurança ontológica.

Da mesma forma, a autoidentidade atua junto com narrativas na construção de significações e sentidos para a segurança ontológica do indivíduo. Ao longo de uma narrativa, surgem questões existenciais que podem abalar sua consistência e Giddens (1991) sugere que indivíduos ontologicamente seguros possuem de certa forma as respostas desses questionamentos que, conforme o autor aponta são de quatro tipos e o que é de maior relevância para esse trabalho é a questão existencial sobre autoidentidade. A autoidentidade se dá como “resultado das continuidades do sistema de ação do indivíduo” e ela deve ser “criada e sustentada rotineiramente nas ações reflexivas do indivíduo” (Giddens, 1991, p. 52, *tradução nossa*).⁴ Ou seja, a autoidentidade é resultado da reflexão que o indivíduo faz sobre o que é para si mesmo e para os outros. Existe entre autoidentidade, narrativa e continuidade biográfica, uma relação simbiótica de dependência e isso pode ser observado quando Giddens (1991, p. 54) diz que a questão existencial da autoidentidade está ligada à natureza frágil da biografia que o indivíduo designa a si mesmo e que a identidade de alguém é a capacidade que esse alguém tem de dar continuidade a uma narrativa. Em suma, pode ser dito que a autoidentidade é compreendida pelo ‘eu’ através de sua narrativa e que a continuidade biográfica garante que a autoidentidade se mantenha bem estabelecida, não no sentido de ser imutável, pelo contrário, ela deve ser capaz

⁴ Self-identity, in Other words, is not something that is just given, as a result of the continuities of the individual's action-system, but something that has to be routinely created and sustained in the reflexive activities of the individual (Giddens, 1991, p. 52).

de absorver o que acontece externamente a ela de forma que esses acontecimentos sejam ordenados apropriadamente no enredo do indivíduo.

Além desses elementos, a confiança é apresentada por Giddens como mais um elemento central na compreensão da segurança ontológica e é considerado um elemento primário na construção do que o autor está trazendo no seu livro. Giddens retoma em seu livro o que Erik Erikson chama de confiança básica: os sistemas de confiança básica são formados a partir da rotinização (Mitzen, 2006, p. 346) e vão tornar a vida social e o 'eu' alvos de conhecimento pelo indivíduo. A confiança é um tipo de escudo do 'eu' para ele lidar com o cotidiano e está diretamente conectada com a segurança do indivíduo, já que é a confiança em amarras sociais que vai permitir que ele crie o senso de segurança ontológica para navegar as mudanças e crises que a vida proporciona (Giddens, 1991). Assim como existe uma relação simbiótica dependente entre autoidentidade, narrativa e continuidade biográfica; entre a ansiedade, a confiança e a rotina também existe uma relação extremamente próxima que Giddens (1991, p. 46) sugere formar um tipo de sistema de enfrentamento das dificuldades que as interações sociais cotidianas podem apresentar, mas que isso não quer dizer que esse sistema é um meio para a redução da ansiedade, na verdade essa relação entre essas coisas está ligada à forma em que a ansiedade é socialmente administrada.

É seguro assumir que a ansiedade é uma grande fomentadora de insegurança ontológica e é responsável por muitas das decisões que o indivíduo toma e, conforme os estudiosos de segurança ontológica nas relações internacionais sugerem, é também responsável por ações do Estado e da sociedade (isso será abordado na próxima seção desse capítulo). Por exemplo, as motivações humanas são originadas pela ansiedade e devem ser analisadas sob a mesma lógica do sistema de confiança básica já que nossas motivações são moldadas pelas relações de confiança que estabelecemos desde muito cedo (Giddens, 1991, p. 64). A vergonha também ocorre em função da ansiedade, e Giddens (1991, p. 65) apresenta como seu impacto na autoidentidade é direto, assim como ele demonstra que vergonha e culpa são coisas diferentes, isso porque a primeira está relacionada com a insuficiência que o 'eu' sente em relação a si mesmo, enquanto a culpa decorre pelos atos errôneos de um sujeito.

2.2 O REALISMO DE MEARSHEIMER E A SEGURANÇA ONTOLÓGICA DOS ESTADOS

Primeiramente, é necessário compreender que o conceito de segurança ontológica apresentado é um conceito que provém do estudo do indivíduo e é traduzido para o campo das Relações Internacionais ao se ter em mente que: um Estado tem diferenças e similaridades com o comportamento dos indivíduos e que, afinal, um Estado é governado por indivíduos. A corrente de pensamento realista das Relações Internacionais oferece uma perspectiva na qual o Estado é visto como racional, em específico os grandes poderes, conforme apontado por Mearsheimer (2001, p. 31). Na obra *The Tragedy of Great Power Politics* do autor John F. Mearsheimer é possível encontrar o ponto de congruência entre a teoria de Relações Internacionais e o conceito que se origina na psicanálise que vai permitir que o argumento do presente trabalho seja construído: os Estados também são motivados por medo.

Grandes poderes temem uns aos outros. Eles têm uma percepção suspeita uns dos outros e se preocupam que a guerra esteja próxima. [...] A base desse medo está na existência de um mundo onde grandes poderes tem a capacidade de se atacar em função de sua devida motivação, qualquer Estado dedicado à sobrevivência deve no mínimo desconfiar de outros Estados e confiar neles relutantemente. [...] As possíveis consequências de se tornar vítima de agressões aumentam a importância do medo como uma força motivadora na política internacional (Mearsheimer, 2001, p. 32, *tradução nossa*).⁵

Nesse sentido, ao compreender que o Estado é impulsionado pelo temor, Mearsheimer (2001) enfatiza que a busca pelo poder é uma prioridade, visto que é essa busca que assegura sua sobrevivência dentro deste sistema internacional caracterizado pela necessidade de desconfiar das intenções dos outros Estados, uma

⁵ Great powers fear each other. They regard each other with suspicion, and they worry that war might be in the offing. [...] The basis of this fear is that in a world where great powers have the capability to attack each other and might have the motive to do so, any state bent on survival must be at least suspicious of other states and reluctant to trust them. [...] The possible consequences of falling victim to aggression further amplify the importance of fear as a motivating force in world politics (Mearsheimer, 2001, p. 32).

vez que esse sistema opera sob os princípios de autoajuda. Essa busca pelo poder é conduzida de maneira assertiva (como denota o próprio nome da teoria de Mearsheimer: realismo ofensivo), embora também haja uma consideração pelas medidas defensivas.

Semelhantemente, assim como os indivíduos estão constantemente em busca de manter a continuidade de suas narrativas de vida para garantir a segurança ontológica, a argumentação proposta reflete que os Estados, além de sua busca incessante por poder, também estão em uma busca constante por segurança ontológica. Nos moldes do realismo ofensivo de Mearsheimer (2001), a lógica que norteia as ações dos Estados é a da maximização do poder como um meio de garantir sua sobrevivência e proeminência no sistema internacional. O autor enfatiza que, em um ambiente anárquico, onde a ausência de uma autoridade central impulsiona a competição entre Estados, a busca pelo poder é inerente à natureza humana e à dinâmica das relações entre nações. Portanto, assim como os indivíduos buscam a estabilidade emocional e a segurança através da manutenção de suas narrativas biográficas, os Estados também perseguem a maximização do poder como uma forma de estabelecer uma base sólida para sua existência e continuidade.

Da mesma forma, as contribuições de Mearsheimer e sua abordagem teórica se mostram inestimáveis ao utilizar a série de televisão *Game of Thrones* como um ambiente para a aplicação da teoria das Relações Internacionais. A natureza implacável da luta pelo Trono de Ferro e a intrincada teia de alianças, traições e estratégias de poder são espelhos da competição entre Estados no sistema internacional. A perspectiva do realismo ofensivo lança luz sobre a incessante busca por vantagem e segurança por parte dos atores em ambos os contextos: o fictício mundo de Westeros e a arena global das Relações Internacionais. Naturalmente, há outras contribuições provenientes desse campo de estudo das ciências sociais que se encaixam igualmente, porém, essas não serão aprofundadas neste trabalho.

Um exemplo pertinente é a representação do mar como um fator de distância entre Daenerys e Westeros nas primeiras temporadas. Isso pode ser interpretado como uma peça-chave para compreender como a herdeira da Casa Targaryen não é

percebida como uma ameaça por um período considerável: dentro do realismo ofensivo, corpos d'água significativos desempenham o papel de limitadores para poderes consideráveis, reduzindo seu potencial ofensivo uns contra os outros (Mearsheimer, 2001, p. 44). O foco estratégico de Daenerys na conquista de Westeros e sua posterior aliança com outras casas também espelham o comportamento de Estados que buscam ampliar seu poder e garantir sua posição de destaque na ordem internacional.

Ao passo que os realistas estão preocupados com a segurança física, o Estado tem sua necessidade por segurança ontológica extrapolada do nível individual, assim como acontece com sua necessidade por segurança física. Surge então um dilema da política internacional, conforme Mitzen (2006, p. 342), sugere:

Segurança ontológica pode entrar em conflito com segurança física. Mesmo uma relação prejudicial ou autodestrutiva pode prover segurança ontológica, o que significa que Estados podem se apegar ao conflito. Ou seja, Estados podem na verdade preferir manter determinado conflito que está em andamento, do que a condição perturbadora de profunda incerteza quanto à identidade do outro e da própria identidade. [...] sugerindo que o conflito pode ser causado não pela incerteza, mas pela certeza que essas relações (de conflito) oferecem aos que participam delas (*tradução nossa*).⁶

Ou seja, a busca do Estado por segurança ontológica, pode ser equiparada à busca dele por segurança física. Isso é possível ao verificar-se que o entendimento do Estado como uma pessoa tem valor heurístico para compreender particularidades do comportamento desses componentes da política internacional (Mitzen, 2006, p. 352). Além de sugerir que o debate não deve ser tomado pela lógica da segurança física *versus* ontológica, Mitzen (2006, p. 352) indica que a importância da premissa da busca do Estado por segurança ontológica está justamente na necessidade dela por parte dos seus membros. Em outras palavras, a sociedade é formada por

⁶ Ontological security can conflict with physical security. Even a harmful or self-defeating relationship can provide ontological security, which means states can become attached to conflict. That is, states might actually come to prefer their ongoing, certain conflict to the unsettling condition of deep uncertainty as to the other's and one's own identity. [...] suggesting that conflict can be caused not by uncertainty but by the certainty such relationships offer their participants (Mitzen, 2006, p. 342).

membros que a constituem justamente através de sua busca por segurança ontológica e o sentimento e insegurança ontológica da população, igualmente ao sentimento de insegurança física, coloca o Estado em uma situação de perigo. Sendo assim, um Estado procura combater a insegurança ontológica para garantir que sua população está devidamente satisfeita.

Ademais, no seu artigo de 2016 intitulado *Ontological Security and Public (Mis)Recognition of International Crises: Uncertainty, Political Imagining, and the Self*, Dmitry Chernobrov nos apresenta seu argumento de que segurança ontológica nem é necessariamente sobre o Estado, mas sim sobre a sociedade e sua necessidade de uma continuidade biográfica consistente, principalmente ao se deparar com uma crise.⁷ Da mesma forma, a sociedade também se apresenta como uma resposta para mitigar a insegurança ontológica dos indivíduos. Quando eles se deparam com circunstâncias perturbadoras, podem confiar em um senso de segurança ontológica que é coletivamente forjado pela sociedade. Quando Mitzen (2006, p. 348) fala sobre a relação sociedade-indivíduo no que tange a segurança ontológica, notamos mais uma relação simbiótica de dependência:

A sociedade é nada mais do que as práticas sociais exercidas pelos seus membros, o que significa que sua continuidade depende da constante reprodução dessas práticas. Rotinas ao nível do indivíduo, portanto, constituem a sociedade, que por sua vez estabiliza o senso de 'eu' de cada indivíduo (*tradução nossa*).⁸

A simbiose está contida, portanto, na relação que existe entre aquilo que o indivíduo constrói por si só e que vai definir sua atitude natural (Giddens, 1991) e a estrutura macro da sociedade, que ao mesmo tempo que é construída pela atitude natural ao nível individual, também é responsável por intervir quando ela é abalada em detrimento do senso de 'eu' dos que cooptam pela participação na vida social. Pode-se dizer também que ocorre entre sociedade e indivíduo uma troca de favores,

⁷ Nesse artigo o autor procura explicar de que forma a segurança ontológica é útil para a compreensão de crises internacionais, abordando especialmente a Primavera Árabe.

⁸ But society is no more than the social practices its members engage in, which means that its continuation depends on the constant reproduction of those practices. Individual-level routines thus constitute society, which in turn stabilizes each individual's sense of self (Mitzen, 2006, p. 348).

que é muito benéfica para a manutenção da segurança ontológica, em ambos os níveis – individual e social.

2.3 A SEGURANÇA ONTOLÓGICA DE DAENERYS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O presente trabalho explora a narrativa da última mulher herdeira de uma das dinastias mais significativas no mundo fictício criado por George R. R. Martin, buscando compreender de que forma ela funciona como útil na aplicação do conceito de segurança ontológica no contexto das Relações Internacionais. Este capítulo já abordou a segurança ontológica no nível do indivíduo, da sociedade e do Estado. Esta seção procura demonstrar a importância de Daenerys Targaryen na compreensão do conceito de segurança ontológica.

Primeiramente, é importante para o delineamento do trabalho, que se compreenda que o conceito de segurança ontológica aplicado no mundo fantástico criado por George R. R. Martin funciona dentro uma lógica em que o Estado que está em questão, é um Estado pré-moderno, se trata de um Estado do modelo absolutista. O absolutismo monárquico é universalmente definido como um fenômeno histórico que se trata da centralização de um Estado grande e poderoso que é representado inteiramente pelo seu soberano. O Rei ou a Rainha de um Estado absolutista não é apenas o/a chefe de Estado, na verdade essa figura é o Estado em si mesma. Ao longo da história vão existir diferentes regimes absolutistas que variam em seu nível de centralização de poder, e Kossmann (1976, p. 3) aponta que entre aqueles que estudam esse regime, vão existir muitas discordâncias de interpretação sobre se o regime tem características feudais, aristocratas, conservadoras, burguesas etc. O poder absoluto do qual o soberano usufrui nesse tipo de governo tinha sua fonte no divino, o que fazia com que a monarquia do *Ancien Régime* não tivesse preocupação em garantir apoio popular, e assim ela se mantinha distante, nos céus (Kossman, 1976). Assim foi por muito tempo o absolutismo francês.

Da mesma forma, funciona o sistema político de Westeros: o Rei é absoluto e governa em nome dos deuses. Em verdade, os Targaryens durante muito tempo eram considerados mais próximos aos deuses do que aos homens; isso é dito por Jorah

Mormont para Daenerys no segundo episódio da primeira temporada da série televisiva de *Game of Thrones*, intitulado *The Kingsroad* (*Game of Thrones*, HBO, 2011). Existem outras características do sistema absolutista que podem ser equiparadas ao sistema *westerosi*, abordados a seguir.

Em relação aos exércitos, considera-se que foi o Estado absolutista o responsável pela sua profissionalização. Nos Estados absolutistas as tropas costumavam ser compostas por soldados estrangeiros que eram em sua maioria mercenários e provinham de regiões que eram especializadas em fornecê-los. O motivo era bastante óbvio: esses mercenários estrangeiros eram uma mão-de-obra mais eficiente na supressão da rebelião da população nativa (Anderson, 1974, p. 29-30). O autor também aponta para o contraste entre esse modelo de militarização em relação ao modelo do Estado moderno, que já contava com soldados nativos que passavam pelo devido treinamento. Assim também eram as forças militares de Porto Real, capital de Westeros. A Companhia Dourada⁹ e os Imaculados, são dois exemplos de mercenários estrangeiros que durante a série desempenham papel militar central em alguns dos principais conflitos.

Na página seguinte consta um interessante levantamento de força numérica dos principais exércitos durante a sétima temporada da série – exércitos que são compostos em grande parte justamente pelo tipo de força militar descrita acima.

⁹ Um exército composto de exilados de Westeros, que são treinados em Essos. Em Porto Real existe um grande contingente desses soldados atuando na proteção da cidade.

Tabela 1 – Mudança constante da capacidade dos blocos de aliança

Tipo de força	Tempo	Aliança da Cersei	Aliança da Daenerys	Andarilhos Brancos
Terra	Início	30.000	212.000	>200.000
	Fim	36.000	138.000	>200.000
Marinha	Início	0	350	0
	Fim	1000	120	0
Aérea	Início	0	3	0
	Fim	0	2	1

Fonte: Olesker, 2019

Outro exemplo relevante para o paralelo entre o absolutismo sobre qual Anderson (1974, p. 85) fala e o regime westerosi, é o que o autor fala sobre a perda de poder nas extremidades do território da França durante o período absolutista do Estado francês: “O controle político efetivo da monarquia francesa nunca foi territorialmente uniforme: ele sempre declinava nas extremidades do país.” O Estado monárquico centralizado no país não teve uma trajetória contínua e ininterrupta, pelo contrário, se tratou de uma trajetória cheia de espasmos de resistência à centralização por parte dessas províncias nas margens da delimitação de terras. O regime só se tornou mais sólido e estável depois do que são considerados os marcos de ruptura na conjuntura: a Guerra dos Cem Anos, as Guerras religiosas e, a Fronda. A transição para a monarquia absolutista francesa culminou no culto ao Rei Luís XIV.

Da mesma forma, o poder de King’s Landing demonstrou grande fraqueza nas extremidades do território sobre o qual governava. No episódio *Baelor*, que foi o nono da primeira temporada da série da HBO, Cersei expressa a preocupação com as repercussões que a execução de Ned Stark teria. Ned era o governador do Norte e patrono da Casa mais poderosa dessa região, e o receio de Cersei possuía embasamento, já que ao longo da série vemos o desenrolar do enorme conflito que as forças do Norte iniciam depois dessa morte inesperada. A distância territorial entre

o Norte e Porto Real e as demais da região Oeste de Westeros, tornou extremamente difícil derrotar as forças nortenhas já que a influência dos Lannisters no Norte era significativamente inferior.

Por analogia, essa figura é extremamente relevante para a argumentação do presente trabalho. O fato mais popularizado sobre Luís XIV foi sua polêmica frase “*L'État, c'est moi*” que traduzida para o português significa “O Estado sou eu”. Supostamente ela foi dita pelo rei perante o Parlamento de Paris em 13 de Abril de 1655, no entanto, existem contestações sobre se essa frase realmente foi proclamada pela figura mais popular do absolutismo francês. O que Rowen conclui é que provavelmente ela não foi dita, mas considerando a relação de posse que Luís XIV tipicamente tinha com o Estado, essa seria uma frase bastante apropriada para ele (Rowen *apud* Bonney, 1987, p. 95).

A personagem Daenerys Targaryen é vista – principalmente para os fins da análise realizada nesse trabalho – da mesma forma que Luís XIV. Ela representa o Estado, ela é a figura soberana que é o Estado e suas vontades são as vontades do Estado. Um ponto que é central para a compreensão de Daenerys é que apesar de ser a legítima rainha de um regime absolutista, assim como Luís XIV, ela não é capaz de governar por si própria. Existe ainda a necessidade de um círculo de confiança em torno do soberano. No próximo capítulo, o trabalho procura entender de que forma esse círculo de confiança que se forma com a Daenerys no centro, será um elemento fundamental na construção de sua continuidade biográfica e, portanto, na sua busca por segurança ontológica.

Todavia, naturalmente, existem também diferenças entre essas duas importantes figuras. A que mais chama atenção é que diferentemente de Luís XIV, Daenerys Targaryen almeja ser uma revolucionária, e ela tem uma enorme necessidade de reconquistar o que foi arrancado das mãos de sua família. Em contrapartida, William Doyle (*apud* Bonney, 1987, p. 103) aponta que a popularidade do reinado de Luís XIV era fundada principalmente em propaganda, e de revolucionário não tinha muito – já que seu papel foi apenas tomar aquilo que lhe foi deixado de herança e mantê-la sólida e garantir sua sobrevivência.

Nesse sentido, a Mãe dos Dragões emprega uma estratégia propagandista que evoca um significativo paralelo com as táticas de comunicação do Rei Luís XIV da França, conhecido como o Rei Sol. Essa estratégia é evidenciada no episódio *The House of Black and White*, que foi o segundo da quarta temporada. Nesse ponto da narrativa, Daenerys governa a cidade de Meereen, uma das Cidades Livres de Essos, e enfrenta uma série de desafios para consolidar seu domínio após a conquista. A fim de ganhar o apoio do povo, demonstrar seu poder e fortalecer sua liderança, Daenerys opta por uma abordagem que envolve a abertura da Grande Arena de Daznak, onde são realizados jogos de luta e competições de entretenimento. Essa estratégia se assemelha à adotada por Luís XIV na França, que frequentemente recorria a espetáculos extravagantes em sua corte, notadamente em Versalhes, para demonstrar seu poder e influência sobre a nobreza e a população francesa. De maneira análoga, Daenerys utiliza a abertura da arena para entreter e cativar a população de Meereen, visando conquistar sua aprovação e, por conseguinte, reforçar seu controle sobre a cidade.

Ademais, um último detalhe que chama a atenção sobre este tipo de regime, é o que Beik (2005, p. 207) elucida em seu artigo de revisão. As relações políticas desse período aqui discutido, eram permeadas e conectadas às relações pessoais. Rivalidades, amizades, ideologias e afins, eram responsáveis por organizar os marcadores sociais que criavam as relações multilaterais dos envolvidos. Na trama de *Game of Thrones* é possível observar isso em diversos momentos – um exemplo bastante nítido é a rivalidade entre os nortenhos e o povo além da Muralha que data de séculos de visões de mundo diferentes que frequentemente entram em colisão, ou então, a forma como os Freys se relacionam com os Tullys que cometem traição ao se aliarem aos Lannisters e planejarem o assassinato do herdeiro de Ned Stark, Robb Stark – traição motivada pelo rancor que a família Frey resguardava dos Tullys em relação à forma que ela era tratada como uma família inferior.

Sobre o papel da Daenerys diante da sua função de figura absolutista, Mitzen (2006, p. 352) ao falar sobre suas três razões para defender que o Estado é um agente que busca por segurança ontológica, traz a importância dos tomadores de decisão de maneira que é crucial para este trabalho. A autora fala sobre como diferentes chefes

de Estado tomam decisões similares ao longo do tempo, reproduzindo ideias e conceitos muitas vezes antiquados, e sugere que a premissa do Estado que procura obter segurança ontológica auxilia na compreensão desses padrões. Daenerys, dentro da lógica anteriormente citada, é uma chefe de Estado, que apesar de ter um compromisso com a quebra da roda, também reproduz comportamentos de seus antepassados várias vezes durante sua narrativa, isso será explanado mais a fundo no decorrer dos próximos capítulos.

Ainda sobre Daenerys como uma figura que representa um chefe de Estado que representa a vontade do próprio, conforme os moldes do absolutismo monárquico, Steele (2008, p. 18) respalda essa visão ao se utilizar do conceito de segurança ontológica ao nível estatal, já que líderes de Estado, ao estarem encarregados do fardo de tomar decisões políticas e implementá-las, são em si mesmo o Estado. Ou seja, se existe um indivíduo que exerce esse tipo de função no governo de um Estado, torna-se apenas lógico que a busca por segurança ontológica e a insegurança ontológica, terão fortes impactos na política internacional.

De acordo com o que a primeira seção deste capítulo traz sobre segurança ontológica, identidade é definitivamente um importante elemento na compreensão do que significa para um agente estar ontologicamente seguro: a autoidentidade fornece uma base sólida para a continuidade biográfica que permite que o indivíduo obtenha a rotinização que se faz necessária para sua segurança ontológica. No universo de *Game of Thrones*, a identidade é também um elemento central: não apenas para Daenerys, mas para várias outras personagens, como Cersei e Jaime Lannister, Jon Snow e Arya Stark. A identidade que Daenerys necessita para a manutenção da sua segurança ontológica, é também um meio para um fim; isso pode ser observado no foco em que ela dá para a legitimidade da sua reivindicação ao Trono de Ferro. Isso é corroborado por Olesker (2019) que em seu estudo identifica 23 menções à legitimidade como fonte de poder de Daenerys e destaca o momento na sétima temporada na qual a Mãe dos Dragões opta por adiar o uso da força na sua conquista.

Ademais, Daenerys constrói um círculo de confiança em determinadas personagens da série televisiva que será fundamental para o seu senso de

autoidentidade e, portanto, para sua segurança ontológica. Teóricos que discutem sobre esse tema apontam que as relações, através da rotinização, formam a identidade dos indivíduos que se tornam apegados a elas, ou seja, elas passam a ser parte da segurança ontológica deles (Mitzen, 2006, p. 342).

Salienta-se que a análise em torno da segurança ontológica de Daenerys Targaryen dentro do contexto das Relações Internacionais é de suma importância e carrega um considerável valor para nosso campo de estudo. Essa abordagem não apenas avança rumo à possibilidade de vernacularização de temas das RI, como sugerido por Croft e Vaughan-Williams (2016), mas também abre caminho para compreender a segurança a partir de múltiplas perspectivas – aquelas geradas tanto pelas teorias acadêmicas quanto pelos cidadãos que constituem nossa sociedade em suas vivências e concepções cotidianas. Olesker (2017, p. 49) também enfatiza a relevância da cultura popular na compreensão do conhecimento acadêmico, retomando as visões de Kiersey e Neumann (2013), Buzan (2009), Weldes e Rawley (2015), que fundamentalmente consideram a cultura popular como uma gramática social, atuando como um espelho que reflete o que percebemos sobre nós mesmos. Como já mencionado previamente, *Game of Thrones* nos possibilita explorar as normas, ideias e crenças inerentes às Relações Internacionais.

Além disso, destaca-se que o escopo da segurança internacional vai além das abordagens convencionais centradas no Estado. O Estado não é necessariamente a única unidade de análise relevante para validar a segurança ontológica como um tema digno de investimento de tempo e recursos. Em contrapartida, a segurança em nível individual desempenha um papel crucial nos estudos de segurança internacional. Esse entendimento é um componente fundamental da abordagem mais ampla da segurança internacional, também conhecida como *comprehensive security*, que se trata de uma perspectiva reconhece que os desafios de segurança não se restringem apenas às ameaças tradicionais, como conflitos entre Estados. Ao explorar a segurança ontológica na trajetória de Daenerys Targaryen, uma personagem ficcional, estamos intrinsecamente relacionando o domínio individual com as dinâmicas mais amplas da segurança global. A análise detalhada dos aspectos pessoais e emocionais da segurança ontológica nos permite compreender como essas questões

transcendentais podem ser traduzidas em um contexto mais amplo, proporcionando uma compreensão mais holística e inclusiva dos desafios de segurança que se manifestam em diversos níveis da sociedade contemporânea.

Por fim, o estudo de segurança internacional é um subcampo das RI que teve origem nos debates após a Segunda Guerra Mundial sobre como proteger o Estado de conflitos. Conforme Buzan e Hansen (2009, p. 8) esse é um subcampo que está em constante mudança e que é recheado de debates sobre o que está inserido ou não em seu escopo. O que os autores que discutem sobre segurança ontológica procuram fazer, é inserir esse tema dentro do escopo do subcampo de segurança internacional, procurando expandir e diversificar os objetos de estudos.

Em suma, compreende-se que o conceito que deriva da psicanálise e do estudo do indivíduo, a partir do momento que foi usado também pela sociologia, foi elegível para ser usado em diversos campos de estudo, entre eles o das Relações Internacionais. A segurança ontológica é valiosa para a compreensão de como funciona o sistema internacional, um objeto que é estudado com uma frequência enorme e sob várias perspectivas diferentes. Ao se considerar que um Estado se comporta racionalmente, não é possível constatar que ele necessariamente age da mesma forma que um indivíduo age, mas permite a compreensão de que existem similaridades, entre elas está a ação em função do medo, conforme Mearsheimer (2001) aponta. Sendo assim, se o indivíduo busca por segurança ontológica como forma de manter o medo distante, é válida a presunção de que o Estado se comporta dessa mesma forma. Quando se fala do Estado na lógica do mundo de *Game of Thrones*, essa não é a mesma lógica do Estado como o vivenciamos atualmente. Não se é comum a execução de figura políticas importantes em praça pública e nossos sistemas políticos não são tão centralizados quanto o sistema político de Westeros é – pois ele se trata de um regime de governo absolutista monárquico. Portanto, para que seja possível a aplicação do conceito de segurança ontológica na narrativa de Daenerys Targaryen, todas essas nuances devem ser levadas em consideração. E é por isso mesmo, que o estudo realizado no presente trabalho se demonstra importante para o futuro aprofundamento desse debate sobre a utilização do conceito de segurança ontológica em Relações Internacionais, pois ele permite uma ampliação do

entendimento sobre a forma que os Estados se comportam em sua busca por segurança ontológica, já que no estudo do sistema internacional sob o qual vivemos atualmente também demanda muita atenção para as nuances dele.

O primeiro capítulo desse estudo proporciona o entendimento de o que é segurança ontológica e através de qual lógica a aplicação dele pode ser realizada na narrativa de Daenerys Targaryen. Ela se trata de um conceito permeado por nuances que interagem entre si através de relações simbióticas de dependência, o que demonstra que elementos como a autoidentidade, continuidade biográfica, narrativa, ansiedade, confiança e rotina, funcionam em função um dos outros, e disrupções que atinjam mesmo que apenas um desses fatores, resultam em abalos nos demais também. Ao se compreender que várias das coisas debatidas por autores que abordam o estudo de segurança ontológica podem ser identificadas na história de Daenerys Targaryen, abre-se a possibilidade de testar a aplicabilidade do conceito ao longo do trabalho. O que Mearsheimer nos aponta sobre a lógica de maximização de poder dos Estados e as lições que Luís XIV oferecem para a compreensão de Daenerys e do mundo de *Game of Thrones*, são fortes embasamentos para afirmar que o objetivo geral do trabalho poderá ser plenamente alcançado.

Acima de tudo, acreditar que o estudo de segurança internacional é limitado à segurança física do Estado, torna incapaz qualquer análise similar à que se procura realizar aqui. Sendo assim, a leitura do restante do trabalho exige que o leitor esteja ciente da necessidade de ampliar a visão sobre o estudo de segurança. Isso é algo que tem sido possibilitado pelos principais autores que debatem segurança ontológica nas Relações Internacionais, como Croft (2016), Mitzen (2006), Steele (2008), Kinnvall (2006), Gustafsson (2023) e outros. O autor do presente trabalho entende que, além da importância que o estudo da segurança ontológica dos Estados representa ser significativa, análises de quaisquer aprendizados desse campo de estudo mediante o uso de instrumentos do entretenimento, tais quais *Game of Thrones*, são muito frutíferos para a disciplina.

3A CONSTRUÇÃO DA SEGURANÇA ONTOLÓGICA DE DAENERYS TARGARYEN

Dentre várias personagens que são centrais para a história que se desenrola ao longo dos episódios de *Game of Thrones*, a mais importante é definitivamente Daenerys Targaryen. Ela conta com uma das narrativas mais cativantes e complexas da série que a leva do exílio ao centro do poder. No capítulo 1 foram explorados os conceitos fundamentais da segurança ontológica, que se aplicam tanto a indivíduos quanto a Estados nas Relações Internacionais. Existe na segurança ontológica dos Estados uma característica de constante mudança em função do tempo e espaço no qual o contexto desses Estados se encontram (Rumelili, 2015, p. 18) e, o presente trabalho busca explorar justamente a forma que a segurança ontológica nas Relações Internacionais se configura no tempo e espaço do mundo de *Game of Thrones*. Através do capítulo 2, o trabalho se aprofunda na narrativa dessa personagem marcante, buscando traçar paralelos entre os acontecimentos de sua vida e os conceitos previamente apresentados. Este capítulo tem como objetivo recontar a história de Daenerys Targaryen analisando os momentos que são elementos chave de sua segurança ontológica, desde a origem da Casa Targaryen até a jornada da Mãe dos Dragões até Westeros.

Este capítulo se desdobrará em torno de três eixos: a importância da legitimidade ao trono para Daenerys, a forma como a posse de três dragões a fortaleceu e, o papel crucial que os aliados que ela conquistou detém em sua busca por segurança ontológica. Esses eixos serão explorados tendo em mente de que forma eles são importantes para a aplicação dos conceitos do primeiro capítulo, proporcionando o entendimento necessário para que no capítulo seguinte seja explorada a ruína da última herdeira da Dinastia Targaryen.

3.1 OS PRIMEIROS PASSOS DE DAENERYS TARGARYEN

Em uma noite de tempestade, em meio a uma guerra civil, nasce a segunda filha de Aerys II Targaryen, também conhecido como Rei Louco. Seu nascimento ocorre durante a Guerra do Usurpador, que se trata de uma revolta de algumas das Grandes Casas de Westeros contra Aerys II e que resulta na ascensão de Robert

Baratheon ao Trono de Ferro. No primeiro episódio da série televisiva, intitulado *Winter is Coming*, os espectadores são introduzidos aos dois filhos do último Rei Targaryen que representam a última esperança de sua dinastia: Daenerys e Viserys. A Daenerys do início de *Game of Thrones* se trata de uma personagem que combina o início e o fim de um conto de fadas, conforme Schubart (2016, p. 110) aponta.¹⁰ A menina assustada e ingênua se encontra performando o papel de vítima, e é lançada na sociedade Dothraki, uma tribo guerreira nômade de Essos, o continente que fica ao leste de Westeros, e rapidamente ela se torna a *khaleesi* – Rainha dos Dothraki, devido ao seu casamento com o Khal, líder dos dothraki. Casamento esse que é arranjando por Illyrio Mopatis, um fiel aliado da família Targaryen que acolhe em sua casa os dois últimos herdeiros. Viserys utiliza desse casamento para tentar obter um exército de *dothraki* que lhe auxiliariam na retomada da posição que é seu direito de nascença. Nesse contexto, Daenerys foi tratada como um objeto de barganha, sujeita à vontade de Viserys, como evidenciado quando ele a ameaça no primeiro episódio da série, *Winter Is Coming*, afirmando que a entregaria aos homens e cavalos de Khal Drogo, caso julgasse necessário (*Game of Thrones*, HBO, 2011). O desenvolvimento da narrativa de Daenerys torna bastante nítido em vários aspectos o amadurecimento da personagem, tanto na série televisiva, como nos livros. O trecho abaixo de *A Dance With Dragons* mostra Illyrio Mopatis dando um claro indicativo dessa jornada de rápida evolução da personagem:

‘Daenerys... Daenerys é bastante diferente [de Viserys].’ Ele enfiou uma carne assada na boca e mastigou fazendo barulho, com osso e tudo. ‘A garota assustada a quem dei abrigo em minha mansão morreu no mar Dothraki, e renasceu em fogo e sangue. Essa rainha dracônica que veste seu nome é uma verdadeira Targaryen. Quando eu mandei navios para trazê-la para casa, ela virou na direção da Baía dos Escravos. Em questão de alguns dias ela conquistou Astapor, trouxe Yunkai aos seus joelhos e saqueou Meereen (Martin, 2011, p. 59, *tradução nossa*).¹¹

¹⁰ Schubart afirma que Daenerys combina os típicos elementos do início e do fim de um conto de fadas em termos do que uma narrativa é. O texto da autora dinamarquesa explora quais são os elementos dos tipos de narrativa que existem e de que forma o conto de fadas e a aventura são subvertidas na estrutura da história de Daenerys Targaryen.

¹¹ “Viserys was Mad Aerys’s son, just so. Daenerys... Daenerys is quite different.” He popped a roasted lark into his mouth and crunched it noisily, bones and all. “The frightened child who sheltered in my manse died on the Dothraki sea, and was reborn in blood and fire. This dragon queen who wears her name is a true Targaryen. When I sent ships to bring her home, she turned toward Slaver’s Bay. In

Figura 1 - Viserys e Daenerys no momento que ela é apresentada para Drogo



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

No Capítulo 5 de *Women of Ice and Fire: Gender, Game of Thrones and Multiple Media Engagements*, Rikke Schubart aponta quais são os gêneros que compõem a história de Daenerys Targaryen, e conclui que ela se trata de uma personagem que origina um novo tipo de heroína. A autora diz que:

Um herói, seja homem ou mulher, deve aprender a ser humilde. No entanto, já que Daenerys inicia em uma posição de vítima, esperamos que ela aprenda algo mais. De fato, sua trajetória heroica é diferente. Em vez de ter que aprender a ter compaixão e humildade, ela deve aprender a dominar essas emoções. Todavia, conforme apontado por Tatar, orgulho é uma característica negativa pela qual uma personagem feminina de um conto de fadas é punida severamente por ter, mas intrigantemente, aprender a ser orgulhosa é um elemento chave na história de Daenerys (Schubart, 2016, p. 111, *tradução nossa*).¹²

a short span of days she conquered Astapor, made Yunkai bend the knee, and sacked Meereen (Martin, 2011, p. 59).

¹² A hero, whether male or female, must learn humility. However, since Daenerys starts from a victim position, we expect that she has to learn something else. Indeed, her hero trajectory is different. Rather than learning compassion and humility, instead, she must learn to master those emotions. Also, although, as Tatar points out, pride is a negative trait for which a female fairy tale hero will be severely punished, learning to be proud is, intriguingly, key to Daenerys's story (Schubart, 2016, p. 211).

A fim de analisar o processo da chegada de Daenerys na posição de poder ontologicamente segura que é central para o presente estudo, a maneira que se dá o aprendizado dela sobre suas emoções e seu orgulho é um elemento essencial. De acordo com Tracy & Robins (2007), o orgulho possui duas naturezas: o orgulho hubrístico e o orgulho autêntico. Neste contexto, não é necessária uma análise aprofundada das dimensões psicológicas desses conceitos, mas sim compreender a diferença fundamental entre eles, que se relaciona à origem do orgulho. Enquanto o orgulho hubrístico se baseia em características inatas do indivíduo, o orgulho autêntico surge das conquistas pessoais (Tracy & Robins, 2007, *apud* Schubart, 2016, p. 112).

Para Daenerys Targaryen superar os desafios da sua narrativa e construir sua segurança ontológica, ela vai precisar obter um senso de orgulho que se caracteriza como o segundo tipo, através de suas conquistas e batalhas vencidas contra os diversos obstáculos da sua história. Schubart (2016, p. 112) oferece um exemplo notável que ilustra esse processo de transformação, quando a personagem abandona sua posição de vítima assustada e indefesa, e começa a trilhar o caminho em direção ao poder. Esse momento é vividamente retratado na cena do quarto episódio da primeira temporada, intitulado *Cripples, Bastards, and Broken Things*, quando Daenerys reage de forma assertiva à agressão de seu irmão, ameaçando-o com determinação: "A próxima vez que você levantar a mão para mim será a última vez que terá mãos!" (*Game of Thrones*, HBO, 2011). Em contrapartida ao primeiro episódio da série, onde Viserys ainda precisa repreender Daenerys quanto à sua postura, fica evidente que a *khaleesi* se transformou em uma pessoa que possui uma autoimagem positiva, resultado do desenvolvimento de seu orgulho autêntico. Sobre a forma que o orgulho beneficia a personagem, Schubart (2016, p. 112) diz:

O orgulho arma o 'eu', lhe dando confiança para enfrentar a oposição. Portanto, quando ela entende a natureza do orgulho e da diferença entre o que é conquistado e o que não é conquistado, Daenerys recusa passar por mais humilhação (*tradução nossa*).¹³

Deste modo, se torna necessário regressar ao tema amplamente discutido no primeiro capítulo, ou seja, o conceito do 'eu'. Como anteriormente destacado, a continuidade biográfica desempenha um papel crucial na formação do senso de segurança ontológica do indivíduo. No entanto, vale ressaltar que a continuidade biográfica não se limita à preservação inalterada do 'eu', mas engloba também a capacidade desse 'eu' de se adaptar diante de situações disruptivas. Para uma compreensão mais aprofundada de como o orgulho influencia a continuidade biográfica, é necessário revisitar a análise de Giddens (1991, p. 66) sobre a relação entre orgulho e vergonha, uma vez que ele delinea claramente o orgulho em contraposição à vergonha. O orgulho concede ao 'eu' a habilidade de confiar em sua narrativa de vida, isto é, a confiança de que suas ações estão devidamente justificadas em busca de seus objetivos. É precisamente dessa maneira que o orgulho desempenha um papel fundamental como catalisador para as conquistas de Daenerys Targaryen, desde sua dominação da Baía dos Escravos até sua chegada a *King's Landing*. Paralelamente, no âmbito dos Estados, o orgulho desempenha uma função igualmente relevante na segurança ontológica, contribuindo para o fortalecimento do nacionalismo (Kinnvall & Mitzen, 2016). Por outro lado, a vergonha também exerce influência na segurança ontológica estatal, muitas vezes decorrente da discrepância entre a visão de continuidade biográfica do Estado e suas ações passadas (Steele, 2008).

Enquanto o orgulho autêntico de Daenerys é construído após seu casamento com *Khal Drogo*, o orgulho hubrístico dela é representado pela crença de que ela é o

¹³ Pride arms our "self", giving it confidence to stand up to opposition. Thus, when she understands the nature of pride and the difference between earned and unearned pride, Daenerys refuses further humiliation (Schubart, 2016, p. 112).

dragão. Quando seu irmão é assassinado por Drogo no episódio *A Golden Crown*, o sexto da primeira temporada, ela passa a ser a herdeira legítima ao Trono de Ferro que foi usurpado dos Targaryens por Robert Baratheon – agora a missão de retomar a glória da dinastia recaía unicamente sobre os ombros da *khaleesi*. No primeiro livro da saga que inspirou a série televisiva, intitulado *A Game of Thrones*, o capítulo no qual ocorre a morte do Príncipe Viserys é encerrado com: “Ele não era um dragão, pensou Dany, curiosamente calma. Fogo não pode matar um dragão” (Martin, 1996, p. 500, *tradução nossa*).¹⁴ Esse trecho nos oferece uma entrada na visão que Daenerys tem de si mesma agora que ela é o último dragão: ela na verdade sempre foi a verdadeira herdeira, seu irmão nunca teve chance alguma de se tornar Rei. A legitimidade de sua reivindicação à Coroa é o primeiro elemento chave que surge na história de Daenerys e que nesse trabalho é colocado como um dos elementos que constituem a segurança ontológica dela.

Figura 2 – Morte de Viserys Targaryen



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

¹⁴ He was no dragon, Dany thought, curiously calm. Fire cannot kill a dragon (Martin, 1996, p. 500).

3.2 O ÚLTIMO DRAGÃO: ASCENSÃO E DECLÍNIO DA CASA DO DRAGÃO

A história da família Targaryen tem seu princípio em Valíria – uma antiga e poderosa civilização que dominava boa parte do mundo fictício de *Game of Thrones*. Eles eram uma das nove famílias mais poderosas e eram detentores de vários dragões, com os quais eram capazes de desenvolver especiais conexões mágicas. Essa civilização foi dizimada por um cataclismo misterioso sobre o qual os livros e a série não nos fornecem detalhes aprofundados, no entanto, os Targaryens já haviam migrado para a Ilha da Pedra do Dragão (*Dragonstone* em inglês) – uma pequena ilha de importante valor estratégico localizada no Mar Estreito bastante próxima da costa leste de Westeros – e, portanto, foram capazes de sobreviver. A Figura 3 e a Figura 4 oferecem uma melhor compreensão do posicionamento geográfico do lar dos Targaryens.

Figura 3 – Mapa de Westeros



Fonte: Martin, 2012

Figura 4 – Localização da Ilha da Pedra do Dragão



Fonte: Mapa Interativo de *Game of Thrones*. Disponível em:
<https://quartermaester.info/>

Um dos descendentes da linhagem Targaryen foi Aegon I Targaryen, também conhecido como Aegon, o Conquistador. Levou esse título pois junto com suas duas irmãs, que também eram suas esposas – Rhaenys e Visenya – conquistou todo o território westerosi, através de campanhas militares e diplomáticas que atravessaram todo o Reino, unificando Westeros e estabelecendo o governo da dinastia Targaryen sobre todo esse território, governo esse que durou centenas de anos. Eles fizeram isso montados em seus dragões: Balerion, Vhagar e Meraxes, respectivamente. O impacto de Aegon, o Conquistador foi tão grande que o calendário do mundo criado por George R. R. Martin, é dividido em Antes da Conquista e Depois da Conquista – observa-se aqui uma similaridade interessante com o calendário cristão, que é dividido também pelo impacto de uma única figura; apenas uma das evidências de que esse mundo fantástico não é desenraizado da realidade em sua totalidade, pelo contrário, são muitos os paralelos que podem ser traçados entre os elementos de *Game of Thrones* e a realidade.

Ora, um ponto interessante que pode ser abordado sobre a conquista de Westeros, foi a relação que Aegon teve com a religião. O continente *westerosi* era um continente bastante plural no quesito religião, e no processo de conquista houve um curioso cuidado dos conquistadores para garantir que a religião dos novos súditos fosse preservada. O foco era bastante nítido: as Casas deveriam dobrar os joelhos e jurar lealdade aos Targaryens, assim poderiam manter seus costumes e religião. Sendo assim, apesar de Aegon não ser um homem religioso, ele garantia o apoio da Fé e lhe concedia benefícios fiscais, jurídicos etc. Em contraponto, a Fé evitava abordar publicamente a questão do costume incestuoso de casamento entre parentes próximos que os valirianos cultivavam (Martin, 2018). Esse tema é levantado nessa sessão do trabalho para ilustrar uma das várias formas que segurança ontológica é útil para a compreensão de como funciona o sistema político do mundo de *Game of Thrones* e, portanto, esse exemplo serve para fortalecer a defesa da viabilidade de aplicar tal conceito nesse contexto – que é o objetivo do presente trabalho.

Nesse sentido, é importante entender que a religião, da mesma forma que o nacionalismo, tem um papel importante para responder as questões levantadas por indivíduos que estão em busca de segurança ontológica – ela faz isso ao prover um sentimento de totalidade, unidade e completude para os que tomam parte nela e assim ela é capaz de ordenar o caos que gera incerteza no mundo em que vivemos. Quando Giddens levanta questões sobre autoidentidade, tanto o nacionalismo quanto a religião, são capazes de fornecer respostas (Kinnvall, 2006).

Do mesmo modo, em Westeros a religião vai cumprir esse mesmo papel. Quando Aegon I optou por se aliar com a Fé, de forma a manter o *status quo* religioso da sociedade que ele havia dominado, o primeiro Rei Targaryen deliberadamente atuou para garantir houvesse uma engrenagem da ordem social de Westeros que mantivesse as coisas ainda em algum nível de equilíbrio através da segurança ontológica que a religião era responsável por prover. Apesar de a religião dos Sete ser a predominante no Reino, outras religiões ainda se mantinham bastante vivas, como a religião dos deuses antigos no Norte e a religião dos deuses marítimos nas Ilhas de Ferro – uma imposição de uma religião sobre as outras poderia acabar com a segurança ontológica dessas duas regiões e gerar um conflito com o qual Aegon não

tinha necessidade de lidar. Kinnvall (2006, p. 68) aponta ainda que o papel desempenhado pela religião leva à criação de uma única verdade, que tem como consequência e exclusão e perseguição daqueles que não aderem à determinada verdade. Isso também pode ser observado a partir da segunda temporada de *Game of Thrones*, quando a personagem Melissandre é introduzida à trama – se trata de uma sacerdotisa do Deus da Luz que é o deus cultuado por uma religião que está ganhando força tanto em Westeros como nas Cidades Livres. Os fiéis dessa religião operam sob a racionalidade de que existe apenas um Deus e são vários os episódios de uma violenta intolerância praticada por eles. Um dos exemplos é a queima de estátuas de falsos deuses durante o episódio *Garden of Bones*, episódio de número quatro da segunda temporada. Esse exemplo, portanto, reforça a premissa de que a segurança ontológica sobre a qual o primeiro capítulo discorre, é buscada por indivíduos, grupos identitários e Estados.

Após a Conquista de Aegon I, a dinastia que ele estabeleceu reinou por centenas de anos. No entanto, a posição de superioridade foi ameaçada em diversas ocasiões. A aclamada série *Game of Thrones* teve seu fim em maio de 2019, no entanto, devido ao enorme sucesso que garantiu uma legião de fãs, a HBO começou a trabalhar em dois *spin-offs* para a série. Um deles estreou em agosto de 2022, intitulada *House of The Dragon*, a série busca contar a história da guerra civil que deu início ao declínio dessa dinastia. A cena de abertura da série conta com a narradora nos dizendo: “Jaeharys [Targaryen] convocou o Grande Conselho para prevenir que uma luta fosse travada pela sua sucessão. Pois ele sabia a fria verdade. A única coisa que poderia derrubar a Casa do Dragão... era ela mesma” (*House of the Dragon*, HBO, 2022, tradução nossa).¹⁵ No mesmo episódio, uma cena entre o Rei Viserys I e sua filha Rhaenyra, oferece um curioso *insight* sobre o poder que os Targaryens detém sobre o Reino. O Rei questiona sua filha sobre o que ela vê quando olha para os dragões, ao que ela responde que ela vê a eles mesmos, e que todos dizem que Targaryens são mais próximos aos deuses do que aos homens, no entanto, isso é dito

¹⁵ Jaehaerys called the Great Council to prevent a war being fought over his succession. For he knew the cold truth. The only thing that could tear down the House of the Dragon... was itself (House of The Dragon, HBO, 2022).

porque eles possuem os dragões, pois sem eles, os Targaryens são como qualquer outra pessoa. Viserys aponta que a ideia de que os dragões podem ser controlados, é uma ilusão, e que eles são um poder com o qual os homens nunca deveriam ter mexido, pois eles foram a causa da ruína de Valíria, e pode ser a causa da ruína deles também.

Figura 5 – Viserys e Rhaenyra conversando sobre os dragões



Fonte: *House of The Dragon* (HBO, 2022)

Essa interação funciona quase como uma profecia – algo muito comum nas séries baseadas nos livros de Martin. Após a morte de Viserys I, os Targaryens se dividem em duas facções que lutam pelo Trono de Ferro, e isso quase dizima os integrantes da família e os dragões que existiam em Westeros. *House of The Dragon* se passa mais de 170 anos antes dos acontecimentos que acompanhamos em *Game of Thrones*, e quando *Game of Thrones* inicia, os dragões já haviam deixado de existir.

Entre o período em que se passa o *spin-off* e a série original, são vários os Reis Targaryen que ascendem ao Trono de Ferro. Para o desenvolvimento dessa seção do capítulo, precisamos entender a história de Aerys II Targaryen, conhecido como o Rei Louco. Ele foi sucessor de seu pai, Jaehaerys II e teve um início de reinado promissor, no entanto, conforme o título Rei Louco já nos informa, logo começou a demonstrar sinais de sua insanidade e governou com excessiva crueldade. O povo de Westeros

sofreu muito nas mãos de Aerys II e, após muitos anos de sofrimento, algumas das Grandes Casas de Westeros se rebelaram e travaram a Guerra do Usurpador, que elevou Robert Baratheon ao Trono de Ferro. O Rei Louco teve alguns filhos e duas filhas, apenas dois dos filhos homens ultrapassaram a infância – Rhaegar e Viserys – e Daenerys foi a segunda filha de Aerys II – a primeira foi Shaena, que morreu enquanto ainda era um bebê. A morte de Rhaegar e Viserys tornaram Daenerys a verdadeira herdeira do Trono de Ferro.

Afinal, ousadamente é possível afirmar que, se os Targaryens não tivessem perdido seus dragões, eles não teriam sucumbido ao golpe de Estado orquestrado por Robert Baratheon e seus aliados. Diante de um mundo sem dragões, o nascimento de Drogon, Viserion e Rhaegal, os três dragões milagrosos de Daenerys, se prova um evento que muda o rumo da história de Westeros e especialmente da narrativa da Mãe dos Dragões. O presente trabalho argumenta que os dragões são o segundo elemento chave da segurança ontológica de Daenerys Targaryen – junto com o primeiro elemento que seria a legitimidade da reivindicação ao trono, e o terceiro elemento que também será tratado nesse capítulo, começamos a tornar possível a compreensão de como funciona a segurança ontológica da Rainha dos Dragões.

3.3 A TRAJETÓRIA DE UMA RAINHA SEM TRONO

Após seu casamento com Khal Drogo, Daenerys passa por dificuldades na adaptação aos costumes *dothraki*. O sexo entre eles era público; Martin (1996, p. 102) descreve que os *dothraki* transam como animais, sem privacidade e eles não tem a mesma visão sobre sexo e pecado que a maioria dos povos possuem. Os casamentos *dothraki* eram violentos e um casamento sem pelo menos três mortes era considerado tedioso, o casamento entre Daenerys e Drogo não foi diferente (Martin, 1996, p. 103). A relação sexual entre os dois recém-casados foi árdua para Daenerys, na série televisiva a primeira relação é retratada como um estupro em *Winter Is Coming*, episódio de estreia da primeira temporada. Depois de algum tempo, a Princesa *westerosi* é capaz de transformar a forma que se relaciona com seu marido e passa a se adaptar aos costumes *dothraki*, vestindo suas roupas e buscando se comportar da forma mais adequada para uma *khaleesi*. Logo, o seu casamento e seu amor por Khal

Drogo se tornam o elemento central de sua narrativa, no entanto, tudo isso cai por terra quando seu marido fica doente em função de uma ferida infeccionada. Khal Drogo representava para Daenerys a sua jornada de autoconfiança, de orgulho, de capacidade de enfrentar seu irmão abusivo e, acima de tudo, representava o início da sua jornada para a retomada do poder. Durante o período em que estiveram juntos, ele era uma fonte de segurança ontológica para Daenerys – seu título de *khaleesi* vinha do seu casamento com o Khal e ele a havia prometido que seu *khalasar* daria o Trono de Ferro para ela. A morte de Drogo poderia representar o primeiro momento de ameaça à segurança ontológica de Daenerys. No entanto, durante o episódio nove da primeira temporada, intitulado *Baelor*, quando um dos guerreiros fiéis a Drogo afirma que depois da morte de Drogo, Daenerys se tornaria nada, ela firmemente o enfrenta e declara que ela nunca será “nada”, já que o sangue do dragão corre em suas veias¹⁶. A resposta do guerreiro é que todos os dragões estão mortos (*Game of Thrones*, HBO, 2011). Essa cena é interessante para dois elementos chave para a compreensão da segurança ontológica da personagem: primeiramente, sua ascendência como filha de um Rei Targaryen, o sangue de dragão de sua família, sobrepõem a potencial ameaça à sua segurança ontológica que a morte do seu Khal representa, ou seja, a perda do seu título de *khaleesi* tem pequena relevância, já que seu título de herdeira do Trono de Ferro é algo que seu direito de nascença lhe garante; em segundo lugar, o nascimento dos seus dragões tem sua significância intensificada, já que ter três dragões em seu poder é uma garantia de segurança ontológica, assim como física, do que apenas a afirmação de que ela é o sangue do dragão.

Portanto, a primeira temporada da série televisiva, assim como o último capítulo do primeiro livro de *A Song of Ice and Fire*, são encerrados com o nascimento dos dragões; o acontecimento que dá à Daenerys o título de Mãe dos Dragões ou Rainha dos Dragões. A choca dos ovos se dá após um ritual de sacrifício que a viúva de Drogo performa após a morte dele – Daenerys ordena que uma pira seja construída para a

¹⁶ Se trata de uma expressão figurativa que representa que ela é descendente da Casa Targaryen.

cremação do corpo do Khal, no entanto, nessa grande pira ela deposita os três ovos, e amarra Mirri Maz Duur¹⁷. Por fim, ela mesma adentra as chamas, no entanto, o sangue de dragão de Daenerys Targaryen garante sua sobrevivência, e a mágica que provém do sacrifício da bruxa, torna possível que Drogon, Rhaegal e Viserion sejam concebidos. Apesar de parecer apenas mais uma cena fantástica de um conto de fadas, ela guarda para os espectadores e para a personagem uma lição Maquiaveliana importante: uma governante deve ter características de bondade – como a piedade, religiosidade, humanidade – no entanto, ela deve estar preparada para ser o oposto disso tudo quando a ocasião requer (Schubart, 2016, p. 119).

Figura 6 – Daenerys e Drogon no momento do nascimento dos dragões



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

Esse momento da narrativa de Daenerys é bastante singular, pois é marcado por uma grande derrota e uma grande vitória que ocorrem simultaneamente. A morte de Drogo representa uma virada na trajetória da personagem, pois agora Daenerys deve contar com aquilo que ela tem a sua disposição para garantir que ela não apenas sobreviva aos revés que as terras de Essos tem a oferecer, mas também para que ela

¹⁷ Se trata de uma personagem que é salva por Daenerys quando os *dothraki* invadem a vila na qual essa curandeira morava. Ela é chamada de bruxa pelos fiéis guerreiros do Khal, e trai Daenerys após a Rainha dos Dragões depositar a vidade de Khal Drogo nas mãos da anciã.

alcance seu grande objetivo: voltar para Westeros e retomar o Trono de Ferro. É importante observarmos a forma que a personagem reage a esse significativo evento. Ao se deparar com o inevitável fracasso dos seus esforços para garantir que Drogo não perca a luta contra a infecção de sua ferida, a sua saída é recorrer para aquilo que ao longo de sua narrativa tem servido como uma espécie de farol, algo que lhe fornece forças para continuar em sua árdua jornada: os ovos de dragão. Os ovos são um presente que ela recebe na noite do seu casamento, e que nos livros são representados de forma muito mais nítida como símbolos de força para Daenerys, conforme pode ser observado no trecho abaixo:

Dia após dia, e noite após noite, até que Dany sabia que ela não aguentaria mais um momento sequer. Certa noite, ela preferia se matar a continuar... No entanto, naquela noite quando ela dormiu, ela sonhou novamente o sonho com o dragão. [...] Os olhos dele era piscinas de magma derretida, e quando ele abria sua boca, as chamas saíam ribombantes em um jato quente. Ela podia escutar ele cantando para ela. Ela abriu seus braços para o fogo, o aceitou, deixou-se ser engolida por inteiro, lavada, purificada, temperada e limpa. Ela podia sentir sua carne queimar e escurecer até cair, podia sentir seu sangue ferver e se tornar vapor, e mesmo assim não havia dor. Ela se sentia forte, renovada e feroz. E no dia seguinte, estranhamente, ela parecia não sentir tanta dor. [...] Até suas criadas notaram a mudança. “Khaleesi,” disse Jhiqui, “tem algo errado? Você está adoecida?” E Daenerys respondeu, “Eu estava.” Enquanto olhava para os ovos. [...] Daquele momento em diante, cada dia se tornava mais fácil do que o dia anterior. Suas pernas estavam se fortalecendo, as bolhas de sua mão se estouravam e surgiam calos; suas macias coxas se tornavam mais duras. (Martin, 1996, p. 228-29, *tradução nossa*)¹⁸

Em contrapartida, na série televisiva esse simbolismo é muito mais tênue, se resumindo a algumas cenas de Daenerys olhando para os ovos após algum momento

¹⁸ Day followed day, and night followed night, until Dany knew she could not endure a moment longer. She would kill herself rather than go on, she decided one night . . . Yet when she slept that night, she dreamt the dragondream again. [...] Its eyes were pools of molten magma, and when it opened its mouth, the flame came roaring out in a hot jet. She could hear it singing to her. She opened her arms to the fire, embraced it, let it swallow her whole, let it cleanse her and temper her and scour her clean. She could feel her flesh sear and blacken and slough away, could feel her blood boil and turn to steam, and yet there was no pain. She felt strong and new and fierce. And the next day, strangely, she did not seem to hurt quite so much. [...] Even her handmaids noticed the change. “Khaleesi,” Jhiqui said, “what is wrong? Are you sick?” “I was,” she answered, standing over the dragon’s eggs [...] From that hour onward, each day was easier than the one before it. Her legs grew stronger; her blisters burst and her hands grew callused; her soft thighs toughened (Martin, 1996, p. 228-29).

doloroso. De qualquer forma, o simbolismo dos ovos salienta a forma como os dragões são um dos alicerces da segurança ontológica da Rainha dos Dragões.

Durante a segunda temporada de *Game of Thrones*, vamos observar um forte desenvolvimento da personagem de Daenerys Targaryen, a Mãe dos Dragões, *Khaleesi* do Grande Mar Verde, A Não Queimada. Após operar o milagre do nascimento de seus dragões, a Rainha enfrenta uma travessia pelo deserto durante a qual ela e seu povo começam a perecer de sede e fome, os cavalos morrem aos poucos e seus seguidores sofrem demasiadamente. Esse processo a torna mais próxima daqueles que a seguem e fortalece a conexão que ela tem com essas pessoas, com quem até então ela sentia estranhamento, em função da lacuna cultural entre as partes. Seu apego ao povo que a segue se torna cada vez mais forte e vai influenciar fortemente as decisões que ela toma. A partir daqui, finalmente começamos a enxergar na personagem não mais apenas a herdeira de um trono usurpado que virou *Khaleesi*, e sim uma legítima Rainha. Após a travessia, Daenerys e seu *khalasar* chegam aos portões de Qarth, uma das cidades antigas de Essos localizada no Sul do continente e que atua como um meio de intercâmbio comercial e cultural entre todas as regiões desse mundo fictício; a Figura 7 e a Figura 8 auxiliam na compreensão de onde a cidade está localizada.

Inicialmente, o Conselho que governa a cidade não se demonstra muito interessado em permitir a entrada dos visitantes, isso resulta em ameaças violentas por parte de uma Daenerys desesperada e faminta. É possível argumentar que a reação violenta aqui observada pode ser a primeira vez que observamos a forma que a Rainha se comporta mediante uma ameaça à sua segurança ontológica. No entanto, o contexto torna a análise prevista no presente trabalho um tanto turva, já que a situação em que Daenerys se encontra, faz com que a negativa da entrada em Qarth possa ser considerada mais uma ameaça à segurança física do que à segurança ontológica. No entanto, aproveito essa cena para apontar que dentro de um universo repleto de violência – tal qual esse criado por George R. R. Martin – as ameaças à segurança ontológica e física podem coexistir. Seria possível ainda, afirmar que no mundo real o mesmo possa ser dito, no entanto, o presente trabalho não tem o objetivo de se aprofundar nesse debate.

Todavia, os conceitos que compõem o que se define como segurança ontológica, que foram abordados no primeiro capítulo desse trabalho, se provam úteis para a compreensão dessa cena. Anteriormente, já foi explanado o conceito de atitude natural cunhado pelo autor Anthony Giddens (1991) – a série de coisas que devem ser tomadas como certas em nossas vidas a fim de garantir que o caos ao nosso redor se mantenha nas margens de nossa percepção, assegurando-nos de que estamos em um estado de segurança ontológica. Diante de uma situação tão dificultosa como a que Daenerys enfrenta nesse momento de sua narrativa, o que concede para ela e seu povo a força necessária para a travessia do deserto, é meramente a atitude natural que permite que mesmo diante de tamanho revés, se mantenha a segurança ontológica de que haverá uma saída. O que guia os dothraki e sua *khaleesi*, pelo deserto é a esperança de que Qarth vai abrir suas portas. Chegar na entrada da cidade e ter sua entrada recusada, traz por terra tudo isso e, a única reação que a Rainha tem a seu dispor é demonstrar sua capacidade de ameaças – já que até então, sua capacidade de concretizar qualquer ação violenta que for, é nula. Na terceira seção do trabalho, realiza-se um aprofundamento na compreensão da tomada de decisão que Daenerys realiza ao destruir King's Landing, e para auxiliar nesse objetivo, será realizada uma comparação entre as diferentes situações em que Daenerys tem sua segurança ontológica ameaçada e a tentativa vai ser de responder de que forma as situações se diferenciam ou se assemelham.

Figura 7 – Mapa da região central de Essos



Fonte: Martin, 2012

Figura 8 – Localização de Qarth



Fonte: Mapa Interativo de *Game of Thrones*. Disponível em:

<https://quartermaester.info/>

A partir da saída de Daenerys de Qarth, a Rainha vai fazer uma espécie de procissão pelas cidades da região central de Essos. Ao observar a Figura 8 em contraste com a Figura 9, notamos que a distância a ser percorrida por Daenerys até Westeros não é pequena. Isso não a impede de já estar almejando o momento em que ela vai sentar no Trono de Ferro, e seus esforços não deixam de serem feitos com esse objetivo em mente. A próxima cidade que Daenerys visita é Astapor, uma das três cidades que compõem a região chamada de Baía dos Escravos. Essas cidades eram as principais responsáveis pelo comércio internacional de escravos, e Astapor era o lar do exército conhecido como os Imaculados, composto de eunucos que eram treinados para serem ferozes e se medo da morte. A Mãe dos Dragões veleja de Qarth para Astapor com o objetivo de adquirir um forte exército, já que até o momento ela não detinha força militar alguma, e sem força militar ela nunca reconquistaria King's Landing, disso ela sabia bem.

Figura 9 – Mapa do mundo conhecido



Fonte: Martin, 2012

Figura 10 – Localização de Astapor



Fonte: Mapa Interativo de *Game of Thrones*. Disponível em:

<https://quartermaester.info/>

Na cidade de Astapor, a narrativa de Daenerys é atravessada por uma forte crise de identidade. Retomando o capítulo primeiro desse trabalho, se tem que indivíduos necessitam de uma continuidade biográfica para a manutenção de sua segurança ontológica, e essa continuidade é construída através do senso de autoidentidade do indivíduo, ao mesmo tempo que ela é responsável por construir a identidade desse mesmo, conforme Giddens (1991) aponta. Da mesma forma, Chernobrov (2016) aponta que as sociedades também buscam e necessitam de continuidade biográfica, principalmente em momentos de crise. No episódio *The Ghost Of Harrenhal*, quinto episódio da segunda temporada, ao ouvir de Jorah que os Dothraki são bons em matar, Daenerys em tom de repudia afirma que ela não será uma rainha de matança. No entanto, em Astapor a *khaleesi* se depara com algo que a comove profundamente: a escravidão. Ela observa uma cidade completamente tomada por esse vil costume, um que foi abolido em Westeros há mais de 100 anos, e não é capaz de não agir contra uma conduta que ela despreza. Imediatamente após

garantir que os Imaculados pertencem a ela – algo que ela garante através da trapaça, em uma negociação que ela entrou sem intenção alguma de sair perdendo – Daenerys ordena que os mestres escravagistas sejam assassinados, e uma cena de matança se desdobra no quarto episódio da terceira temporada, intitulado *And Now His Watch Is Ended*.

Diante desse desenvolvimento de sua narrativa, levanta-se o questionamento: mas o que houve com a personagem da segunda temporada que era contra a matança e a trapaça? Bom, observamos na terceira temporada uma Daenerys que está colocando em prática a lição maquiaveliana sobre qual Schubart (2016) fala: a Rainha deve ser piedosa e boa, mas quando a situação demanda pelo lado oposto, ele deve aparecer. Além disso, aqui pode ser observada de que forma a continuidade biográfica funciona como um conduíte de mudança para a manutenção da segurança ontológica. Conforme já apontado no capítulo anterior, a continuidade biográfica demanda do indivíduo sua capacidade de se adaptar ao contexto em qual ele é inserido, por vontade própria ou não. Daenerys exhibe aqui uma capacidade surpreendente: ao se deparar com uma crise na sua imagem que tem de si – o que é considerada como autoidentidade – a Rainha dos Dragões é capaz de absorver o elemento que lhe causa essa crise para que ele passe a fazer parte da composição de quem ela é, e de como ela quer ser vista pelos seus inimigos e aliados. Daenerys acumula agora mais um título: A Quebradora de Correntes. Seu compromisso com a libertação de escravos vai permear fortemente sua narrativa ao longo das próximas três temporadas da série televisiva.

A partir desse desdobramento na continuidade biográfica de Daenerys Targaryen, levanta-se outro questionamento: não seria a sua preocupação com a libertação dos escravos mais um dos pilares da sua narrativa que constroem sua segurança ontológica? É cabível, portanto, que seja esclarecido o motivo pelo qual esse não foi classificado como um elemento que fundamenta a segurança ontológica de Daenerys Targaryen. Os três elementos que vão constituir os pilares da segurança ontológica foram escolhidos pelo autor do trabalho, tendo em mente a lógica de que Daenerys representa um Estado monárquico absolutista. Um Estado desse tipo, como qualquer outro, se trata de uma instituição que é composta por elementos

constituintes. No que tange a batalha de Daenerys contra os mestres escravagistas de Essos, será possível compreender que na verdade a herdeira legítima do Trono de Ferro a enxerga como um passo a mais na sua jornada de retorno a Westeros. No quinto episódio da quarta temporada, intitulado *First of His Name*, essa constatação se torna mais nítida, quando Daenerys declara seu objetivo de governar a Baía dos Escravos, e o que a motiva é mais do que seu desejo pela libertação dos flagelados – seu motivo é que ela enxerga esse empenho como um fortificador de sua reivindicação ao Trono de Ferro. Daenerys profere: “Como posso governar Os Sete Reinos, se não consigo controlar a Baía dos Escravos?” (*Game of Thrones*, HBO, 2011).

Com base nisso, é possível visualizar que o que aparenta ser um outro pilar da segurança ontológica de Daenerys Targaryen, na verdade é algo que é abarcado pelo elemento chave já referido anteriormente: a legitimidade de Daenerys Targaryen em sua reivindicação do Trono de Ferro. Inclusive, quando Daenerys decide que ela não quer um exército de homens escravizados e liberta os Imaculados para serem homens livres que possam fazer a escolha de lutar por ela, parte de sua preocupação está ligada justamente à imagem que ela transmitiria ao chegar em Westeros com um exército de escravos, considerando a relação que Westeros tem com a escravidão, um continente onde essa prática foi abolida há mais de um século. Ou seja, por trás da imagética de libertadora, existem os interesses de uma Rainha que tem a compreensão de que ela precisa de mais do que apenas sua legitimidade para ascender ao trono.

O mesmo episódio que acaba de ser mencionado, proporciona uma segunda contribuição valiosa para a compreensão da autoidentidade de Daenerys Targaryen. Durante uma cena de conversa com seu fiel conselheiro Jorah Mormont, Daenerys é aconselhada por ele a abandonar a Baía dos Escravos após trazer para ela notícias de que as cidades dominadas por ela até então – Astapor e Yunkai – foram retomadas pelos costumes antigos e o povo que ela recém libertou está novamente fadado às correntes. Jorah acredita que ela deva navegar para Westeros e usar do contexto fragilizado no qual King’s Landing se encontra naquele momento – com Tommen Lannister, um bastardo sem direito de nascença, sentado no Trono de Ferro – para reconquistá-la. Daenerys não segue seu conselho e decide que ela vai permanecer e

governar a Baía dos Escravos, conforme indicado no parágrafo anterior, porém o que chama atenção nesse cena é quando Daenerys manifesta que ser uma Targaryen não é mais o suficiente, e para governar Westeros ela precisa primeiro conseguir governar o que ela conquistou. Essa cena demonstra um amadurecimento enorme da autoidentidade de Daenerys, em relação à imagem que ela tem de si mesma e em relação à imagem que ela procura demonstrar para os demais, e um fortalecimento de sua continuidade biográfica, principalmente quando comparamos com a personagem da primeira temporada que depositava tudo de si nos seus ovos de dragões e na esperança de que eles a salvariam.

Tendo essa evolução em mente, é possível resgatar o que foi abordado no primeiro capítulo sobre os questionamentos de um indivíduo sobre sua autoidentidade. Giddens (1991) mostra que a autoidentidade é um resultado da reflexão que o indivíduo faz sobre o que é para si mesmo e o que apresenta para si mesmo, e que é através dessa reflexão que ele encontra as respostas para os questionamentos existenciais que tem o potencial de desestruturar sua continuidade biográfica. Surge a partir disso, o argumento de que um Estado também vai enfrentar esse tipo de questionamento, não necessariamente da mesma forma que um indivíduo, mas haverá momentos em que a reflexão do Estado como um ator racional do sistema internacional, sobre o que ele é e o que representa para o resto do sistema, será essencial para fortalecer sua segurança ontológica. Nota-se na cena que acaba de ser analisada, que nesse momento da série, estamos observando Daenerys no que pode ser considerado um ponto alto de sua segurança ontológica – isso é afirmado a partir da constatação de que a forma que ela lida com as disrupções que lhe são apresentadas pelos seus conselheiros, é característica do indivíduo que tem uma segurança ontológica bem estruturada pela relação simbiótica entre autoidentidade, narrativa e continuidade biográfica, sobre a qual já foi discorrido no capítulo anterior.

Complementado o parágrafo anterior, no episódio de número quatro da sexta temporada, intitulado *Book of the Stranger*, é possível identificar um exemplo da tamanha capacidade de manutenção de continuidade biográfica da qual Daenerys é capaz, e que é o que a torna uma personagem tão forte em sua segurança ontológica.

Os *showrunners* de *Game of Thrones*, claramente são habilidosos em tornar um elemento como esse em um espetáculo para o telespectador, e no episódio extra que é disponibilizado exclusivamente na plataforma de streaming da HBO, eles expõem mais sobre o que está por dentro da construção desse episódio, falando sobre um certo simbolismo de renascimento diretamente conectado com o episódio final da primeira temporada. Ou seja, apesar de no início da sexta temporada a personagem se encontrar perdida e capturada por um Khal que a leva para a cidade sagrada dos dothraki, sua narrativa retorna para o milagre operado por ela em *Fire and Blood*, o décimo episódio da temporada de estreia da série televisiva – e agora é diante de todo o povo dothraki que ela demonstra sua capacidade de não ser ferida por fogo, o que historicamente a torna a grande e única *khaleesi*, pois essa não é uma habilidade que uma mulher qualquer teria. Esse acontecimento fortalece seu exército, pois agora ela tem uma gigante horda de guerreiros dothraki ao seu dispor, e essa conquista a leva para ainda mais perto do seu retorno para Westeros que acontece no último episódio da sexta temporada, intitulado *The Winds of Winter*. Durante esse mesmo episódio, Daenerys confessa sentir medo do que a espera em Westeros, o que levanta o seguinte questionamento: mesmo esse tendo sido seu objetivo há seis temporadas, seria a partida dela de Meereen para Westeros, uma interrupção em sua rotina?

A resposta não é simples. Observando a narrativa da personagem como um todo, identifica-se que a travessia de Essos para Westeros é o destino final de Daenerys, e tudo que compõem sua autobiografia aponta para esse momento. Conforme já mencionado anteriormente, a decisão de permanecer em Meereen e governar a Baía dos Escravos, é uma decisão que a Rainha dos Dragões toma tendo consciência de que isso fortalecerá sua reivindicação ao trono, a tornará mais capaz de governar Westeros quando ela finalmente estiver sentada no Trono de Ferro. No entanto, a permanência dela em Meereen também colabora para que a cidade que ela tão veemente tenta governar, se transforme em parte da sua rotina, ou da sua atitude natural (Giddens, 1991). Daenerys nunca se sentiu pertencente em Meereen, apesar de seus esforços, ela permanecia uma estrangeira que conquistou a cidade e que custosamente a governa. Os esforços de um falso pertencimento a Meereen são observados no trecho exibido na página seguinte:

Andar em um *tokar* demandava passos pequenos e cuidadosos, e um extraordinário equilíbrio, para evitar pisar em suas pesadas franjas. Não era uma vestimenta feita para qualquer homem que precisasse trabalhar. O *tokar* era uma vestimenta de um mestre, um signo de riqueza e poder. Dany queria bani-lo no momento em que tomou Meereen, no entanto, seus conselheiros aconselharam contra. [...] Em lãs de Westeros ou em um vestido de renda de Myr, Vosso Esplendor será sempre uma estranha entre nós, uma forasteira grotesca, uma conquistadora bárbara. A Rainha de Meereen deve ser uma dama de Velha Ghis (Martin, 2011, p. 27, tradução nossa).¹⁹

Além disso, enquanto foi Rainha de Meereen, ela enfrentou rebeliões e um constante estado de conflito sobre as cidades governadas por ela. Não é possível afirmar, de forma alguma, que o tempo que Daenerys permaneceu na Baía dos Escravos foi agradável para ela. Entretanto, conforme aponta Mitzen (2006), um Estado pode se manter em uma situação de conflito em função do papel que o conflito desempenha na sua atitude natural, ou na sua continuidade biográfica. Mesmo diante de quão prejudicial aquele conflito pode ser, um Estado pode optar por prolongá-lo em função de sua segurança ontológica em detrimento de sua segurança física. Da mesma forma, um indivíduo pode se manter em uma situação que lhe é prejudicial de várias formas, mas que se tornou parte de sua autobiografia, e sua autoidentidade se torna dependente dessa situação. Tendo isso em mente, é possível argumentar que Meereen desempenhou na narrativa de Daenerys um papel similar, e que a incerteza de o que a esperava na Ilha da Pedra do Dragão – seu local de desembarque em Westeros, antigo lar da Casa Targaryen – parecia para Daenerys ser uma ameaça à sua segurança ontológica.

¹⁹ Walking in a *tokar* demanded small, mincing steps and exquisite balance, lest one tread upon those heavy trailing fringes. It was not a garment meant for any man who had to work. The *tokar* was a master's garment, a sign of wealth and power. Dany had wanted to ban the *tokar* when she took Meereen, but her advisors had convinced her otherwise. [...] In the wools of Westeros or a gown of Myrish lace, Your Radiance shall forever remain a stranger amongst us, a grotesque outlander, a barbarian conqueror. Meereen's queen must be a lady of Old Ghis.

3.4 AS CABEÇAS DO DRAGÃO: A REDE DE ALIADOS DE DAENERYS TARGARYEN

Anteriormente, já foram apontados dois dos pilares escolhidos para o presente trabalho como fundamentos da segurança ontológica de Daenerys Targaryen: a legitimidade de sua reivindicação ao trono e seus dragões. Na presente sessão do segundo capítulo, será abordado o terceiro pilar.

O terceiro elo da segurança ontológica da Rainha dos Dragões é o círculo de confiança que ela forma com seus aliados. Nos parágrafos seguintes procura-se entender quais são seus aliados, o que cada um deles representa para ela e qual o papel do círculo de confiança para a segurança ontológica.

Respeitado a cronologia da história de Daenerys, o seu primeiro aliado é Jorah Mormont. Conforme já mencionado anteriormente, é um membro de uma nobre família de menor importância em Westeros que foi exilado e alcança o círculo de confiança de Daenerys ao ser introduzido na sua narrativa no momento em que ela casa com Khal Drogo. É interessante observar que Daenerys confia em Mormont com facilidade, e ele representa para ela uma conexão com a terra-mãe da *khaleesi* que atualmente se encontrava em uma terra tão excêntrica. Em pouco tempo ele se torna o mais valioso conselheiro da órfã do Rei Louco. Com o desenvolvimento da narrativa de ambos, notamos que ele deixa de ser apenas um conselheiro estratégico, ele a ajuda com assuntos mais profundos e pessoais do que apenas aqueles que dizem respeito à política e a relação deles evolui para algo muito mais íntimo – a visão que ela tem dele é similar àquela de um pai ou uma figura de guardião.

Figura 11 – Jorah Mormont e Daenerys Targaryen



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

Em seguida, Missandei é introduzida na trama durante a quarta temporada, enquanto ela ainda é apenas a escrava que atua como tradutora para o mestre que negocia os Imaculados com Daenerys. Mediante a negociação, Daenerys pede que o mestre ofereça Missandei para ela como um símbolo de um bom negócio feito. No exato momento em que Daenerys toma posse de Missandei, a Quebradora de Correntes oferece para Missandei a liberdade, no entanto, Missandei escolhe permanecer em serviço de Daenerys Targaryen. A partir disso, elas constroem uma relação similar à de irmãs, e Daenerys tem Missandei como sua confidente. Ela designa grande valor aos conselhos da ex-escrava, principalmente aqueles relacionados ao vasto conhecimento que Missandei tem sobre os povos que Daenerys não sabe nada sobre. A relação entre elas evolui para muito além da relação estratégica e se torna uma relação afetuosa.

Quase que simultaneamente, Daenerys adquire em Astapor um importante aliado estratégico: O Verme Cinza. Ele também se trata de um escravo libertado, mais especificamente ele era um soldado dos Imaculados e quando a Mãe dos Dragões os

liberta e determina que eles devem eleger um comandante, Verme Cinza é o eleito. Isso faz com que ele passe a sempre integrar as reuniões de conselheiros de Daenerys e o valor que ela dá aos conselhos dele é enorme. A relação é muito mais focada no que ele representa estrategicamente para a Rainha. Daenerys entende perfeitamente que sem os Imaculados ela não tem chances de reconquistar Westeros e isso torna o Verme Cinza uma peça central da sua jornada até o trono, desempenhando a função de um aliado que faz tudo que lhe é comandado por sua Rainha, e que está disposto a sacrificar tudo por ela.

Figura 12 – Verme Cinza e Missandei



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

Posteriormente, Daenerys traz para seu círculo de confiança o Cavaleiro Barristan Selmy, que foi dispensado de seus serviços por Cersei Lannister, a mãe de Joffrey Baratheon – que no momento em que isso acontece, era o Rei dos Sete Reinos – e resolve buscar a verdadeira herdeira do Trono de Ferro e prestar seus serviços a ela. Na série televisiva, os dois se conhecem no primeiro episódio da terceira temporada, intitulado *Valar Dohaeris*, e Barristan Selmy se apresenta como tal de imediato após salvar a vida de Daenerys contra um ataque que ela recebe de uma

criatura enviada pelos feiticeiros que ela havia enfrentado em Qarth. Entretanto, nos livros de *A Song of Ice and Fire*, antes de se revelar como Barristan Selmy, ele se disfarça como Arstan Whitebeard e conquista a confiança da Rainha antes de revelar sua verdadeira identidade. Na série televisiva, apesar dos conselhos de Jorah Mormont serem contrários à adição de Barristan Selmy ao círculo de confiança de Daenerys, ela resolve conceder para o cavaleiro a oportunidade de a servir, levando em conta que ele havia acabado de salvar a vida dela. Os conselhos estratégicos dele são valorizados pela Rainha, apesar de muitas vezes ela os ignorar. A relação entre essas duas personagens está estruturada na familiaridade que o Cavaleiro representa para Daenerys, já que antes de servir a ela, ele serviu Jaeherys II e Aerys II – avô e pai da Mãe dos Dragões – e lutou ao lado de seu irmão, Rhaegar Targaryen. A Rainha legítima de Westeros contava com Selmy para saber mais sobre seu passado, sobre quais erros dos seus antepassados ela deveria não repetir e de que forma. Durante o período em que Jorah Mormont fica ausente da Corte de Daenerys, a importância de Barristan Selmy é realçada, e ele atua como uma espécie de substituto de Jorah. Infelizmente, a morte de Barristan Selmy não é explorada o suficiente na série televisiva para que possa ser possível utilizá-la na análise que esse estudo se propõe a fazer no terceiro capítulo. Entretanto, o autor deste trabalho decidiu que ainda assim é importante destacar a importância de Barristan no círculo de Daenerys Targaryen.

A seguir, Daenerys adquire em Yunkai um novo aliado estratégico para sua força militar. Daario Naharis trai seus companheiros para servir a Rainha dos Dragões e, apesar de não confiar completamente no mercenário de início, eventualmente eles constroem uma forte relação de confiança que é atravessada por uma relação amorosa entre ambos. A figura de Daario representa algo importante para Daenerys: uma peça no jogo que ela pode usar de qualquer forma e onde quiser, já que Naharis se trata de um sargento de uma facção do exército dela que faria de tudo por ela. Esse elemento é importante para qualquer círculo de confiança: um peão que pode ser movido de qualquer forma, que é confiável e descartável. No final da sexta temporada, é ao mercenário que a Rainha vai confiar as cidades da Baía dos Escravos, pois enquanto ela navega para Westeros ele será responsável por governar em nome dela. Infelizmente, as temporadas seguintes não nos fornecem mais nenhuma informação sobre essa *storyline* que é negligenciada pelos *showrunners*.

Em seguida, um personagem extremamente importante na história de *Game of Thrones* se insere na narrativa de Daenerys Targaryen. Isso ocorre na quinta temporada, no episódio oito, intitulado *Hardhome*. Para compreender o papel dele no círculo de confiança da Rainha dos Dragões, é válido entender um pouco da trajetória de Tyrion Lannister. Ele é filho de Tywin Lannister, a cabeça de uma das grandes famílias de Westeros. Tyrion é irmão de Cersei e Jaime. Depois de ter sido erroneamente acusado de assassinar o Rei Joffrey Baratheon – filho de Cersei, que ascendeu ao trono após a morte de Robert Baratheon – Tyrion é obrigado a fugir para Essos, com o auxílio de Varys, o Aranha. Ao chegar em Essos, ele é convencido por Varys a procurar por Daenerys para implorar que ela o aceite em sua Corte. Eventualmente, ele chega até ela e passa a ser um de seus conselheiros. Daenerys não deposita completa confiança no Lannister inicialmente, por motivos óbvios: a família dele foi responsável pela derrota dos Targaryens. A relação deles é bastante interessante, definitivamente não é afetuosa e estritamente estratégica – o objetivo da Quebradora de Correntes em ter Tyrion Lannister na sua corte é de obter conselhos que a mantenham em uma posição de equilíbrio, ouvindo alguém que a refuta, contraria e de certa forma a antagoniza. Ele vai ajudá-la muito enquanto em Meereen mas, particularmente na sétima temporada, quando Daenerys chega em Westeros, ele será uma peça central de seu Conselho. De certa forma, é possível dizer que no círculo de Daenerys, Tyrion representa o oposto do que Daario Naharis representa: ele não é um súdito que fará de tudo pela sua Rainha cegamente e será responsável por questionar as ações dela que sejam irracionais ou errôneas de alguma forma.

Desempenhando um papel semelhante, o outro aliado de Daenerys é Varys. Ele é inserido no círculo de confiança algum tempo depois de Tyrion, e o processo de conquista da confiança de Daenerys é similar, exceto que Varys nunca ganha a confiança completa da Rainha. No entanto, ela conta com seus conselhos para oferecerem uma certa neutralidade à sua corte. No episódio *Stormborn*, segundo da sétima temporada, em um fervoroso diálogo entre a Rainha e o Aranha, Varys afirma que sua lealdade é ao Reino e ao povo, e ela responde a ele com um pedido de juramento: ele deve jurar a ela que se um dia ela falhar com o povo ou com o Reino, ele não vai conspirar contra ela mas vai contar isso para ela olhando em seus olhos – ele faz o juramento, e o juramento que recebe em resposta é uma ameaça: se ele a

trair, será queimado vivo. Essa cena ilustra perfeitamente a relação entre essas duas personagens: não existe uma confiança estabelecida, no entanto, Daenerys considera Varys uma parte importante da sua Corte, e conta com ele para que como seu conselheiro, ele não permita que ela saia dos trilhos do que é aceitável para o bem do Reino. Além disso, a contribuição de Varys para a aliança militar entre a Casa Targaryen e as casas sulistas Tyrell e Martell foi fundamental e contribuiu para que Daenerys o aceitasse em seu serviço.

Figura 13 – Tyrion Lannister e Varys, o Aranha



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

Por fim, a adição de Jon Snow é significativa para compor o círculo de confiança que constitui a segurança ontológica da Rainha Targaryen. Jon Snow é convocado por Daenerys para ir até a Ilha da Pedra do Dragão para dobrar o joelho e jurar lealdade a ela. O motivo é que quando isso acontece, durante a sétima temporada, Jon Snow está no comando de Winterfell e boa parte da região Norte de Westeros (a mais extensa em tamanho) é fiel à Casa Stark, da qual Jon é um filho bastardo. A Nascida da Tormenta tem consciência de que para concretizar sua influência no território westerosi, ela precisa de mais aliados do que apenas as casas

sulistas que Varys trouxe para sua causa, então sua mira está em conquistar a aliança da região Norte.

As primeiras impressões entre Jon e Dany não são positivas e ocorre uma faísca de conflito entre eles. O conflito tem origem principalmente no título utilizado por Jon Snow – ele foi escolhido pelos nortenhos para ser Rei do Norte. Quando Aegon, O Conquistador chegou em Westeros e dominou todo o território, ele forçou as grandes Casas a dobrarem o joelho e jurarem lealdade, mas mais do que isso, ele garantiu que a unificação fosse consolidada e não houvesse outros Reis em Westeros. Para isso, ele determinou que cada região do continente teria um Guardiã – em inglês é utilizado o termo *warden*. Por centenas de anos, havia apenas o Guardiã do Norte, que era uma posição que pertencia à família Stark. Daenerys claramente não gosta quando Jon é introduzido por seu Conselheiro como Rei do Norte, e Jon Snow não veio até ela para dobrar o joelho, mas sim para pedir ajuda na guerra contra o Rei da Morte – uma criatura mítica que comanda um exército mágico de mortos-vivos que está marchando do extremo Norte além da Muralha em direção ao Sul e tem a intenção de dominar todo o continente extinguindo a vida em Westeros. A recusa de Jon para dobrar os joelhos deixa um gosto amargo na boca da Rainha dos Dragões, no entanto, eventualmente, após ser aconselhada por Tyrion, Daenerys forja uma aliança com o Norte.

Figura 14 – Jon Snow e Daenerys na Ilha da Pedra do Dragão



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

Inicialmente, se trata apenas de uma aliança militar. Contudo, a relação entre o Rei do Norte e a Rainha legítima de Westeros vai se transformando rapidamente e se transforma em uma relação amorosa. O que forja uma aliança estabilizada e forte entre os dois é o momento em que Daenerys sacrifica um de seus dragões para salvar Jon Snow em sua expedição para além da Muralha, no episódio penúltimo da sétima temporada, intitulado *Beyond The Wall*. A partir desse momento, Daenerys desvia seu olhar de King's Landing, pois compreende que antes de retomar o Trono de Ferro, ela precisa ajudar o Norte a combater o Exército dos Mortos. A iniciativa de Daenerys faz com que sua narrativa seja diretamente ligada ao Rei do Norte. A série televisiva falha em estabelecer o que a aliança deles realmente representa para Daenerys para além da relação amorosa que existe entre eles, mas definitivamente ele faz parte do seu círculo de confiança. Considerando a narrativa de ambos, é possível dizer que um representa para o outro um meio para um fim – ou seja, essa é uma aliança baseada em troca de favores: ela luta por ele no Norte e, ele luta por ela no Sul e jura a lealdade do Norte para a causa da Mãe dos Dragões. A Figura 15, comparada com a

oferta, Jorah Mormont e Barristan Selmy questionam essa decisão na frente de todos os presentes durante a negociação, e Daenerys ignora completamente os alertas que eles lhe dão. Após deixarem a reunião ela os repreende fortemente ao dizer: “Eu valorizo seus conselhos, mas se me questionarem na frente de estranhos novamente, estarão dando conselhos a outra pessoa” (Game of Thrones, HBO, 2011, tradução nossa).²⁰ A repreensão que Daenerys aplica em seus súditos Jorah e Barristan, oferece nítida compreensão de que apesar de seus conselheiros serem essenciais para o seu governo – e para sua segurança ontológica – ela ainda é um Rainha absolutista que fará o que ela julgar que deve ser feito diante de qualquer situação.

Retomando o primeiro capítulo do presente trabalho, a confiança desempenha um importante papel na segurança ontológica do indivíduo. Giddens (1991) fala sobre a confiança do indivíduo nas amarras sociais que forma um escudo para que o ‘eu’ seja capaz de enfrentar as mudanças e crises que o cotidiano proporciona. A relação entre ansiedade, rotina e confiança, forma um sistema de enfrentamento perante as interações sociais que possam causar ansiedade, não no sentido de amenizar essa ansiedade, mas sim da forma que a ansiedade é socialmente administrada. Além disso, a confiança é responsável por manter a incerteza em níveis toleráveis para a segurança ontológica do indivíduo em seu ambiente (MITZEN, 2006, p. 345). No mundo onde Daenerys está inserida, diante da sua autobiografia, não existe para essa personagem a confiança em amarras sociais e um nível tolerável de incerteza, pelo contrário. É possível argumentar que ela é completamente desapoderada de tais amarras sociais e, portanto, ela necessita de algo que vá suprir a confiança necessária para sua segurança ontológica. O presente trabalho funciona sob a premissa de que Daenerys supre essa demanda através do seu extenso círculo de confiança, diante de um mundo tão repleto de incertezas como o de *Game of Thrones*.

²⁰ I value your advice, but if you ever question me in front of strangers again, you'll be advising someone else (Game of Thrones, HBO, 2011).

3.5 UMA TRILOGIA DA SEGURANÇA ONTOLÓGICA

Primeiramente, é cabível reforçar que o presente capítulo serviu para que seja possível compreender a trajetória de Daenerys Targaryen, tendo em vista o papel que sua segurança ontológica cumpre antes e depois de sua chegada em Westeros. A fim de compreender a segurança ontológica de Daenerys de uma forma menos abstrata, o presente trabalho elencou três alicerces que dão fundamento à segurança ontológica da Nascida da Tormenta, são eles: a legitimidade de sua reivindicação ao Trono de Ferro; seus dragões; e o círculo de confiança composto por seus principais aliados.

Em primeiro lugar, sua legitimidade ao Trono de Ferro é uma constante ao longo de toda sua narrativa, e se torna bastante nítida a forma como ela contribui para a continuidade biográfica de Daenerys. Mesmo em momentos difíceis como na morte de Khal Drogo, ela tinha sua legitimidade, o seu sangue de dragão, para lhe dar forças. Ademais, a autobiografia da personagem passa por transformações que giram em torno da sua ascendência – a Rainha dos Dragões compreende que não era suficiente apenas ser descendente da Casa Targaryen e ser detentora da reivindicação legítima, ela precisava exercer seu papel de Rainha na prática, e é por isso que ela decide ficar por mais tempo em Meereen, na tentativa de governar a cidade e a Baía dos Escravos. Através dessa decisão, Daenerys aprende uma valiosa lição: conquistar é um passo, governar é outro passo completamente diferente. A legitimidade desempenha um papel tão importante justamente porque o trono foi usurpado dos Targaryens e, atualmente os Baratheons estão sentados no Trono de Ferro, porém, após a morte de Robert Baratheon – conhecido como O Usurpador – seus filhos tem sua legitimidade questionada, já que são fortes – e verdadeiros – os rumores de que os filhos de Cersei Lannister são frutos do incesto entre ela e seu irmão Jaime. A Mãe dos Dragões conta com o apoio das Casas que não tomarão o partido dos Lannisters, no entanto, ela tem completa consciência de que precisará de muito mais do que isso para retomar o que é seu por direito.

Em segundo lugar, seus dragões representam o renascimento da Casa Targaryen. Conforme já mencionado anteriormente, essa poderosa família já teve em

sua posse muitos dragões, no entanto, uma guerra civil entre duas fações da família dizimou boa parte deles, até que as criaturas entraram em extinção. Quando Drogon, Viserion e Rhaegal nascem, o mundo não via dragões há centenas de anos. Enquanto ainda eram ovos eles já forneciam para Daenerys uma força de certo modo mágica e misteriosa, e na fase da infância desses répteis míticos, eles ainda eram apenas símbolo da força de Daenerys. Ao atingirem a fase adulta, eles se tornam muito mais do que símbolos – são máquinas de guerra potentes que concedem ao exército de Daenerys uma vantagem descomunal. Para além de sua capacidade militar, os dragões são a representação do retorno triunfal da Casa Targaryen. Outrossim, existe entre a Mãe dos Dragões e seus filhos, uma conexão mágica que é típica dos Targaryens. É interessante observar, por exemplo, o quanto Daenerys está sofrendo durante a quinta temporada, quando ela perde o controle dos seus filhos e é obrigada a prendê-los. No trecho abaixo, Daenerys se encontra em uma crise no seu governo de Meereen, enfrentando um grupo rebelde chamado Os Filhos da Harpia, esse trecho elucida o quão profunda é a conexão entre Daenerys e seus dragões, pois indica que Viserion foi capaz de sentir o que ela estava sentindo:

Ao oeste, a luz do sol refletia nos domos dourados do Templo das Graças, e evocava sombras profundas atrás das pirâmides dos poderosos. Mesmo agora, em algumas dessas pirâmides, os Filhos da Harpia estão planejando novos assassinatos, e estou impotente para impedi-los. Viserion sentiu sua inquietude (Martin, 2011, p. 27, *tradução nossa*).²¹

Por fim, seu círculo de aliados representa duas coisas. Na perspectiva da segurança ontológica da personagem, eles proporcionam para Daenerys Targaryen um sustentáculo com o qual ela pode contar para a administração de sua ansiedade. Já na perspectiva da narrativa, seus aliados representam mais do que isso, eles representam meios para que seu objetivo final seja conquistado: o retorno de Casa Targaryen para dominar os Sete Reinos.

²¹ To the west sunlight blazed off the golden domes of the Temple of the Graces, and etched deep shadows behind the stepped pyramids of the mighty. In some of those pyramids, the Sons of the Harpy are plotting new murders even now, and I am powerless to stop them. Viserion sensed her disquiet (Martin, 2011, p. 27).

Em conjunto, esses elementos moldaram a jornada de Daenerys, de uma jovem vulnerável a uma líder poderosa em constante evolução. Sua busca por segurança ontológica é uma narrativa complexa e multifacetada, repleta de desafios, triunfos e, por vezes, dilemas morais. À medida que exploramos a trajetória de Daenerys Targaryen neste capítulo, torna-se evidente que sua busca por segurança ontológica é intrinsecamente entrelaçada com seu caminho em direção ao poder e à autodeterminação.

O segundo capítulo procurou descrever a jornada da personagem focando nos pontos que foram considerados cruciais pelo autor para a compreensão da argumentação sobre a forma que se constrói a segurança ontológica da Rainha dos Dragões. Partiu do início de sua narrativa, quando uma princesa que é abusada pelo seu irmão é jogada em meio a uma horda de dothraki, e depois disso procurou acompanhar os passos que ela dá, de forma cronológica em relação ao que George R. R. Martin escreveu e ao que a série televisiva exibiu. Ao longo da construção da estrutura do capítulo, procurou-se traçar os eventos e elementos da narrativa que contribuem para a análise da aplicabilidade do conceito de segurança ontológica nela.

Os mapas do mundo fictício foram utilizados com o objetivo de proporcionar algum senso geográfico para que a história faça sentido espacialmente assim como cronologicamente. O teor da escrita procurou seguir o que já foi mencionado anteriormente sobre a importância de transmitir esse tema de estudo das Relações Internacionais de uma forma que não fique limitada para os leitores já inseridos na academia, além disso, procurou-se possibilitar que os leitores sem conhecimento prévio da série televisiva consigam acompanhar a argumentação do presente trabalho.

Esse capítulo oferece algumas conclusões parciais sobre a aplicabilidade dos conceitos de segurança ontológica na narrativa de Daenerys Targaryen. Ao se buscar alcançar os objetivos estabelecido início do capítulo segundo, analisando os elementos da narrativa da personagem buscando compreender de que forma eles são úteis para a aplicação do conceito, é possível estabelecer uma base sólida para o capítulo seguinte.

A jornada de Daenerys é repleta de fatores que foram abordados no primeiro capítulo desse estudo. Um deles sendo a importância que o orgulho tem na construção da autoidentidade de Daenerys, da mesma forma que Giddens (1991) aponta que o orgulho desempenha importante papel na segurança ontológica do indivíduo. Da mesma forma que foi realizada no capítulo anterior, foram realizados testes de aplicabilidade de conceitos de segurança ontológica em outros elementos do mundo fictício criado por George R. R. Martin – o conceito se prova válido para análise da forma como se dá as relações religiosas em Westeros, considerando o papel que Mitzen (2006) designa à religião na busca por segurança ontológica.

No decorrer da análise da trajetória de Daenerys Targaryen, além de serem identificados os três pilares da qual sua segurança ontológica depende para se manter forte, são identificados possíveis pontos analíticos com os quais se procurou dialogar a fim de esclarecer de que forma apenas esses três pilares foram selecionados. Entre eles, existe a Quebradora de Correntes como um relevante traço da autoidentidade de Daenerys, e que possivelmente poderia ser visto como parte da manutenção de sua segurança ontológica. O estudo contesta isso ao concluir que na verdade esse momento da história de Daenerys existe em função do seu objetivo final de conquistar o Trono de Ferro. Além disso, o estudo aponta como a partida da personagem para Westeros, apesar de ser o grande objetivo de sua vida, representou uma ameaça à sua insegurança ontológica, tendo em vista o que Mitzen (2006) fala sobre Estados que usam o conflito como manutenção de um estado de familiaridade que provê segurança ontológica para eles. Outro ponto bastante importante na narrativa de Daenerys é a forma como ela exerce sua capacidade de adaptabilidade exigida de um indivíduo que tenha facilidade em sua busca por segurança ontológica – o momento em que ela decide deixar de lado sua preferência por evitar o uso de força bruta em seu modo de governar, demonstra bem como a personagem aprende a lição maquiaveliana que lhe é ensinada após a morte de Drogo.

Ademais, recontar a história de Daenerys nesse capítulo foi importante para demonstrar de que forma os pilares da segurança ontológica dela se configuram e foi essencial para delinear os elementos que vão proporcionar a comparação necessária entre os momentos de insegurança ontológica, que resultam na possibilitação do

falseamento da hipótese determinada para esse estudo. A ameaça à sua segurança ontológica em Qarth, por exemplo, apesar de parecer limitada ao uso dos conceitos de segurança física, proporciona também espaço para o estudo da segurança ontológica de Daenerys.

Por fim, conclui-se quais são os papéis de cada alicerce aqui estipulado. Os dragões são um símbolo de poder que funcionam como uma forte fundamentação, enquanto a legitimidade de sua herança ao Trono de Ferro atua como o compasso de sua bússola – sempre garantindo que Daenerys saiba para onde seu caminho a leva – e, seus aliados a auxiliam a enfrentar os obstáculos do caminho a ser percorrido.

4A INSEGURANÇA ONTOLÓGICA E O EPÍLOGO DE DAENERYS TARGARYEN

No curso desta pesquisa, foi explorada a trajetória complexa de Daenerys Targaryen em busca da segurança ontológica, um estado de confiança fundamental em sua própria identidade e continuidade biográfica. Durante essa missão, procurou-se estruturar a complexidade da identidade da Rainha dos Dragões possibilitando a análise de sua narrativa tendo o conceito de segurança ontológica como bússola. Ao longo dos dois capítulos anteriores, foi analisado como a personagem conseguiu construir e consolidar esse senso de segurança, destacando a importância de elementos como sua legitimidade ao Trono de Ferro, a aquisição de seus dragões e as alianças estratégicas que forjou. No entanto, como muitas narrativas épicas, a jornada de Daenerys também é marcada por desafios e reviravoltas, e é nesse contexto que se insere o terceiro capítulo deste trabalho.

Este terceiro capítulo tem como objetivo explorar o declínio progressivo da segurança ontológica de Daenerys Targaryen e como esse declínio desencadeia o desfecho violento e trágico de sua história, que culmina na destruição de Porto Real e em sua própria morte. Os elementos-chave que contribuem para esse declínio incluem a perda de seus dragões, a ameaça crescente à sua legitimidade como herdeira dos Targaryen, a morte de seus aliados e as traições que enfrenta. Além disso, a fim de facilitar a compreensão do desfecho, serão recapitulados os elementos contextuais de *Game of Thrones* necessários para a assimilação do desfecho da história. Também, o capítulo busca apontar qual foi o papel da personagem Cersei Lannister no desfecho da narrativa de Daenerys. Destaca-se que esse capítulo foca principalmente nos ocorridos a partir do final da sexta temporada da série.

A presente análise busca traçar paralelos entre esses elementos e os conceitos discutidos anteriormente neste trabalho, fornecendo uma compreensão abrangente das dinâmicas que levam à desestabilização da segurança ontológica de Daenerys e como ela influencia suas ações finais. Ao fazer isso, espera-se lançar luz sobre o processo pelo qual a protagonista se vê envolvida em uma espiral de eventos que a conduzem ao seu infeliz destino.

4.1 A MORTE DOS DRAGÕES

Recapitulando o que o presente trabalho já abordou, no primeiro capítulo foi apresentado o conceito de segurança ontológica, a fim de possibilitar que ao decorrer dos outros capítulos esse conceito possa ser aplicado para explicar os elementos centrais da narrativa abordada no presente trabalho. O terceiro capítulo vai se utilizar do conceito chave desse estudo para compreender o fim de Daenerys Targaryen. Nesse entremeio, o segundo capítulo proporcionou a compreensão de quem é Daenerys Targaryen, o que ela representa no mundo fictício da série televisiva e quais elementos constituem sua segurança ontológica.

Conforme dito no capítulo anterior, um dos três alicerces da segurança ontológica de Daenerys Targaryen é o seu domínio sobre seus dragões, domínio esse que não foi sempre estável. Durante a quarta temporada a história da série retrata os dragões que estão na fase do crescimento como bestas que já não são mais controláveis e que demonstram sinais de rebeldia, o que acaba culminando na decisão que Daenerys toma no fim dessa temporada em trancar dois de seus dragões – Viserion e Rhaegal – nas masmorras. Eventualmente, diante de uma situação na qual a conexão mágica entre a Mãe dos Dragões e seus filhos torna-se visível mais uma vez, os dragões escapam de sua prisão e avançam em defesa de Daenerys Targaryen quando ela está em apuros no episódio nove da sexta temporada, intitulado *Battle of The Bastards*. Desse ponto em diante, a série televisiva investe menos em retratar o lado indomável dos dragões.

No entanto, a quarta temporada nos oferece o primeiro vislumbre de como uma ameaça aos dragões é uma ameaça direta à segurança ontológica da personagem. Ao perceber que seu domínio sobre os dragões se torna cada vez mais débil, Daenerys demonstra o que algumas pessoas podem interpretar como ansiedade, mas que o nosso trabalho entende como medo, isso porque já no capítulo inicial optou-se por seguir a compreensão que Rumelili (2015) tem da diferenciação entre medo e ansiedade: o primeiro é o que diz respeito à resposta do indivíduo diante de uma situação específica, enquanto o segundo é um estado generalizado de emoções. Esse medo pode ser observado, por exemplo, no episódio número dez da quarta temporada

intitulado *The Children*. Durante esse episódio a Mãe dos Dragões enxerga com mais clareza o perigo que os dragões podem representar, ao descobrir que um de seus dragões matou uma menina de três anos. Naquele momento, Drogon estava fora do seu controle, viajando pelo continente de Essos livremente, e Daenerys toma a decisão de manter os outros dois dragões reclusos em uma espécie de catacumba. A cena que antecede o momento que Rhaegal e Viserion são aprisionados, mostra uma Daenerys quase que paralisada pelo medo que está sentindo. O presente estudo procura argumentar que o medo que ela sente nesse momento, não é necessariamente medo de seus dragões, mas o medo causado pela ameaça à sua segurança ontológica.

A autoidentidade é um elemento importante para a manutenção da segurança ontológica, conforme consta no primeiro capítulo do trabalho. Isso porque a visão que o indivíduo tem de si mesmo influencia fortemente no seu nível de segurança ontológica e, o contexto da quarta temporada de *Game of Thrones* é um no qual a Quebradora de Correntes se vê como uma Rainha justa e benevolente. Sendo assim, três dragões vagando as terras sob seu domínio e assassinando crianças, se configura como uma ameaça ao que ela representa em Meereen e na Baía dos Escravos. Ou seja, nessa instância o que se observa não é uma ameaça aos dragões necessariamente, mas uma ameaça à segurança ontológica da personagem que se origina deles, o que ilustra a complexidade da relação entre Daenerys e essas criaturas. Em seguida, será explorada a forma que a morte dos dragões vai dar início ao processo de apodrecimento da segurança ontológica da Rainha Targaryen na reta final da série televisiva.

Ao passo do que foi apresentado no segundo capítulo, os dragões representam em boa parte a força de Daenerys Targaryen. Para além do poder bélico das criaturas, que cospem um fogo quente o suficiente para derreter pedra, elas são o símbolo da Casa Targaryen. De acordo com a história de Westeros, foram os dragões que, em grande medida, proporcionaram a vitória de Aegon, o Conquistador e suas irmãs. Apesar de eles terem forjado alianças militares com as Casas que já residiam no continente, sem os dragões eles nunca teriam unificado o Reino.

Sendo assim, a imagética de Daenerys voltando para Westeros com seus três dragões, é o que lhe concedia poder sobre seus inimigos e influência militar e política para tornar possível a tomada do Trono de Ferro. Mesmo comandando um enorme exército de Imaculados e uma enorme horda de *dothraki*; seu poder ainda era representado majoritariamente pelas criaturas míticas. Durante a primeira temporada, Robert Baratheon ordena que Daenerys seja assassinada pois ela representa um perigo à posição dele como Rei e, seu Conselheiro Eddard Stark o rebate, dizendo que a garota nunca representaria risco mesmo que ela conseguisse atravessar o mar com os Dothraki, feito que parecia inconcebível para ele. Em contraste, quando Daenerys desembarca em Dragonstone com seus dragões e seu exército, a ameaça se torna muito mais real, agora os dragões não são uma mera fofoca. Ao longo da série e do decorrer dos livros também, os rumores do renascimento dos dragões se espalham pelo Reino, mas ainda são apenas isso: rumores. O que esse contraste esclarece é que o simbolismo de poderio que os dragões fornecem para a Rainha Targaryen são o que lhe garantem vantagem na guerra prestes a ser travada para que ela possa retomar o trono.

Tendo isso em vista, a segurança ontológica de Targaryens é fortalecida de forma aguda pela presença dos dragões em suas vidas, já que eles lhes garantem todo esse poder. Além, obviamente, daquilo que já foi abordado no segundo capítulo, sobre a conexão mágica que eles compartilham com eles, e pelo simbolismo de superação que eles também desempenham na trajetória da personagem e de sua família. No último capítulo da sétima temporada, intitulado *The Dragon and the Wolf*, a cena da chegada de Daenerys com Drogon para se reunir em uma conferência pacífica entre as duas Rainhas de Westeros – Cersei e Daenerys – solidifica a ameaça que a Rainha dos Dragões representa para Cersei Lannister, que naquele momento senta no Trono de Ferro. Em um mundo que a extinção dos dragões era algo conhecido há muito tempo, ver o retorno deles com os próprios olhos não é algo que se leva com leviandade.

No entanto, ao longo das duas últimas temporadas, dois dos três dragões de Daenerys morrem – Viserion e Rhaegal. A morte do primeiro ocorre no episódio número seis da sétima temporada, intitulado *Beyond The Wall*. Neste estudo, o

argumento se baseia na existência de uma segurança ontológica muito bem estruturada da qual Daenerys desfruta no momento em que chega em Westeros, que é quando a segurança ontológica da Rainha dos Dragões começa a declinar.

Figura 16 – Daenerys no momento da morte de Viserion



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

Na Figura 16 observamos a primeira reação dela ao acontecimento, e a cena induz o espectador a visualizar uma paralisia causada na personagem pelo medo. A reação dela não é instantânea, mas diante do contexto de desvantagem no qual ela se encontra, a fuga é o desenlace dessa situação de ameaça à sua segurança ontológica. No mesmo episódio, após a derrota de Viserion, em uma cena entre Daenerys e Jon Snow, já são e salvos do Rei da Noite, é possível observar uma transição do medo para o sentimento de vingança que a Rainha nutre contra o Rei da Noite.

Consoante com o que foi exposto no capítulo anterior, a narrativa de Daenerys Targaryen gira em torno do seu objetivo final: reconquistar Westeros, e quase todas as decisões tomadas por ela, tinham como norteador esse objetivo. Ou seja, a continuidade biográfica da personagem sobre a qual o primeiro capítulo fala, existe

em consequência do Trono de Ferro. No entanto, durante a cena sobre a qual o parágrafo anterior fala, ocorre uma virada na trajetória da Rainha dos Dragões, e ela toma a decisão de se juntar a Jon Snow na guerra contra o Rei da Morte. Ou seja, o medo que Daenerys sente em consequência da morte de um de seus dragões, causa uma alteração na continuidade biográfica dela. Tal inconsistência de sua narrativa, comprova de que forma esse evento é um evento de insegurança ontológica na trajetória da personagem, pois qualquer indivíduo ontologicamente seguro evitaria uma guinada violenta para uma direção tão oposta àquela na qual ele estava seguindo.

Posteriormente, no episódio intitulado *The Last of The Starks*, na oitava temporada, ocorre a morte de Rhaegal. Ela acontece durante uma emboscada, quando Daenerys e suas forças estão voltando para Porto Real. Eles são atacados por Euron Greyjoy, que estava em posse de escorpiões montados em seus navios. Um dos escorpiões atinge Rhaegal, resultando em sua morte. Diferente da morte do primeiro dragão, a resposta de Daenerys é imediata e dessa vez a falta de vantagem não é levada em consideração: ela ataca a frota de Euron a dizimando com o fogo do seu dragão. Essa casualidade tem o papel de intensificar a disrupção causada pela morte de Viserion.

Em suma, ambas as mortes são consideradas como estopins do que o presente estudo chama de 'O Epílogo da Rainha dos Dragões'. Elas contribuem para o estado de insegurança ontológica de Daenerys Targaryen que culmina na destruição de Porto Real.

4.2 A LEGITIMIDADE COMPROMETIDA

Enquanto na sessão anterior desse capítulo foi abordada as mortes dos dragões como um estopim do momento de desequilíbrio da Rainha Targaryen presenciado nos episódios finais da série de TV, nessa sessão será abordado o papel que Jon Snow tem nesse momento tão decisivo na trajetória de Daenerys.

Em consonância com o segundo capítulo do presente estudo, tem-se que um dos alicerces da segurança ontológica de Daenerys é sua legitimidade à reivindicação

do Trono de Ferro. A adolescente que se torna *khaleesi* na primeira temporada de *Game of Thrones* é uma princesa que nasceu em meio a uma revolução que destronou o Rei que era seu genitor. Mediante a morte de seu irmão mais velho – Viserys, que foi assassinado por Khal Drogo – Daenerys se torna a última herdeira da Casa Targaryen. E toda sua trajetória é delineada pela forma que esse fato influencia na sua autoidentidade. Giddens (1991) nos fala sobre a importância da atitude natural que tem a função de proporcionar ao indivíduo um senso de rotina através das coisas que esse indivíduo toma como certas em sua vida, a fim de marginalizar o caos que o mundo oferece. No caso de Daenerys, a sua legitimidade é um ingrediente essencial de sua atitude natural, e tem um papel indispensável na manutenção da segurança ontológica da personagem. Mesmo nos momentos mais árduos de sua jornada, ela tinha sempre algo no qual se apoiar: o Trono de Ferro pertencia à sua família e ela precisava retomá-lo.

No entanto, a crença de que Daenerys é a legítima herdeira é abalada na última temporada da série, pois ao contrário do que ela e seus aliados imaginavam, na verdade existe um herdeiro do sexo masculino mais velho do que ela que tem uma reivindicação mais forte ao Trono de Ferro com base nas tradições de Westeros.

Samwell Tarly, um dos soldados da Patrulha da Noite – uma legião de exilados que são designados à proteção de Westeros do perigo do que está além da Muralha no extremo Norte do continente – descobre através do que leu nos livros que mantém registros de casamentos e nascimentos de crianças da realeza, que Rhaegar Targaryen havia concebido um filho com a irmã de Ned Stark.

Ora, para fazer sentido das informações do parágrafo anterior, é necessário entender onde essas personagens se encaixam. Primeiramente, Samwell Tarly é designado por Jon Snow – enquanto comandante da Patrulha da Noite – para ir até a Cidadela, que é a capital do conhecimento em Westeros, aonde os intelectuais vão para trocar conhecimentos e onde o conhecimento em si é centralizado e mantido em segurança; e é nesse local que ele obtém acesso à informação sobre o verdadeiro nome e sobre os verdadeiros pais de Jon Snow, que até então acreditava ser um filho bastardo de Ned Stark. Em verdade, Ned Stark protegeu Jon Snow em nome de sua

irmã, pois caso descobrissem que Jon era o fruto do amor extraconjugal entre ela e Rhaegar Targaryen, certamente o bebê não sobreviveria. Rhaegar, por sua vez, era o filho mais velho do Rei Louco e seria o próximo herdeiro do Trono se ele não tivesse sido usurpado por Robert Baratheon durante a revolução que ocorreu em Westeros e destronou o último Rei Targaryen. Em suma, Jon Snow – cujo verdadeiro nome era Aegon Targaryen – é o legítimo herdeiro da Trono de Ferro, e levando em consideração que em Westeros homens sempre tiveram prevalência na linha de sucessão da Realeza, ele deveria ser o novo portador da Coroa.

Todavia, essa informação é inicialmente mantida em segredo e apenas Samwell Tarly e Bran Stark sabem sobre ela. No entanto, eventualmente Samwell a revela para Jon Snow, que movido pelo seu senso de honra e compromisso com a Rainha a quem ele dobrou os joelhos, compartilha com Daenerys Targaryen que ele é o filho do irmão dela, Rhaegar Targaryen. A primeira reação dela é duvidar da veracidade da informação, e após ela aceitar o fato como verdade, se institui um medo avassalador na Rainha dos Dragões. A ameaça que Jon Snow representa para a legitimidade de Daenerys Targaryen – que é responsável pelo delineamento de toda sua trajetória – é mais um forte estopim para o estado de ansiedade²² que promove o estado de insegurança ontológica da personagem.

Em relação ao medo que essa revelação causa em Daenerys, o que se argumenta neste estudo é que ele contribuiu para a paranoia que acompanha Daenerys Targaryen na oitava temporada de *Game of Thrones*. Na próxima seção será explorada de que forma essa paranoia também é intensificada pelas traições que ela sofre por parte de aliados em quem ela havia depositado algum nível de confiança – Jon Snow sendo um desses – mas ser despida da armadura que sua legitimidade representava, enfraquece a Mãe dos Dragões significativamente. Como mecanismo de defesa, em vez de se utilizar do que ela tinha em seu arsenal – sua raiva, seu lado vingativo e seus dragões – ela resolve poupar a vida da pessoa que representava um dos maiores impedimentos à sua ascensão ao trono. Daenerys praticamente implora

²² O termo é aqui utilizado em acordo com a diferenciação que Rumelili (2015) faz entre medo e ansiedade.

e obriga que Jon Snow prometa que não compartilharia essa informação com mais ninguém, principalmente nenhum dos Starks, pois ela tinha completa consciência que um herdeiro do sexo masculino desbancaria as chances de Westeros aceitar uma Rainha – considerando o histórico patriarcal desse sistema político fictício, cabe aqui um debate extremamente frutífero sobre papéis de gênero em *Game of Thrones*. No entanto, não está incluso no objetivo do presente estudo, explorar esses elementos e eles serão propositalmente excluídos da análise que procura focar na segurança ontológica da personagem.

Em contrapartida, é interessante analisar que a legitimidade da Rainha dos Dragões também sofre ameaças por Cersei Lannister. Quando Daenerys chega em Westeros, Cersei está sentada no Trono de Ferro após as trágicas mortes de ambos os seus filhos que ascenderam ao trono. Como ela era esposa do Rei Robert I, a posição recai sobre ela. No episódio dois da sétima temporada, intitulado “*Stormborn*”, durante uma reunião do Conselho, a Rainha Cersei retrata sua inimiga como uma estrangeira que não conhece as tradições de Westeros. Um dos desafios do retorno de Daenerys a Westeros é combater justamente essa visão de que ela era uma estrangeira e não uma autêntica westerosi. Infelizmente, a série televisiva não explora esse ponto da história da personagem mais a fundo, no entanto, durante esse mesmo episódio da sétima temporada, existem algumas cenas interessantes que possibilitam identificar o esforço de Daenerys para evitar que ela seja vista como uma estrangeira. Por exemplo, durante uma reunião com o seu Conselho, a Rainha Daenerys e seu Conselheiro Tyrion Lannister, explicam para seus aliados westerosi que invadir a capital de Westeros é uma tarefa a ser feita por um exército westerosi, e não um exército de estrangeiros, ou seja, Daenerys não utilizaria dos Imaculados e dos Dothraki para invadir Porto Real. As coisas mudam devido aos próximos acontecimentos, contudo, e esse plano não se concretiza: o exército que Daenerys trouxe de Essos está presente na invasão da capital.

Mesmo diante de uma ausência de exploração mais profunda desse elemento na história de Daenerys, é possível presumir que o medo que a Rainha dos Dragões impõe sobre as Casas de Westeros sobrepõem o impacto que seu estrangeirismo tem sobre a legitimidade de sua reivindicação.

4.3 TRAIÇÕES E MORTE: O DESMANTELAMENTO DO CÍRCULO DE ALIADOS

Além da legitimidade e dos dragões, existe outro importante pilar da segurança ontológica de Daenerys Targaryen – o círculo de confiança que ela constrói com os aliados que conquista ao longo do caminho. Já foi dito no segundo capítulo que mesmo um governo monárquico absolutista, não existe apenas com o soberano. Ele necessita de um círculo de confiança que lhe aconselha e desempenha algum papel que contribui para a governabilidade do Rei ou da Rainha. Com a Rainha dos Dragões isso não é diferente, cada um dos seus aliados, conforme o segundo capítulo demonstra, ocupa uma posição que é essencial para garantir sua segurança ontológica assim como a física.

Todavia, ao longo do desenrolar da trama, alguns desses aliados são perdidos, e o círculo de confiança sofre fortes abalos. Enquanto alguns desses traíram a confiança da Mãe dos Dragões, outros morreram, deixando um buraco na segurança ontológica de Daenerys. O presente estudo argumenta que as perdas que ela sofre são o que fundamentam o desfecho da narrativa da personagem, enquanto as perdas dos dragões e da legitimidade já foram exploradas, essa seção procura analisar a forma com a qual Daenerys reage às mortes e traições que atravessam sua história. As reações da personagem servem como um eixo elucidativo que permite a compreensão de como a insegurança ontológica de Daenerys se afeta em diferentes momentos de sua narrativa. Para isso, segue-se a linha do tempo estabelecida pela série televisiva.

Em primeiro lugar, a primeira ameaça que abala a segurança ontológica de Daenerys é a morte de Khal Drogo. Ela acontece no final da primeira temporada e ela significa o estilhaçamento da posição de Daenerys como *khalessi*, um título que concebeu a ela uma oportunidade de deixar para trás a inocência e subordinação ao seu cruel irmão, e a colocou em uma posição que a concebia poder. Como na tradição dothraki não existe mais espaço para a esposa do Khal após a morte dele, e ela deve ser exilada na cidade sagrada dessa tribo, Daenerys se vê em uma posição delicada. É possível notar que a reação dela à morte de seu marido está fortemente associada à raiva, e no decorrer desse capítulo será possível compreender que o resto de sua

jornada também é permeada por essa emoção. No episódio *Valar Morghulis*, o último da segunda temporada, Daenerys descobre que uma de suas criadas *dothraki* a traiu para auxiliar um inimigo da Rainha dos Dragões – como punição, ela condena ambos à morte. Essa cena demonstra uma faceta da personagem que é capaz de lidar com frieza em uma situação de traição, e o que prova que a raiva dela surge em momentos de insegurança ontológica. Ou seja, considerando a menor relevância da criada na vida da Rainha, essa traição não teve impacto na sua segurança ontológica e, portanto, a personagem é capaz de controlar sua raiva.

Em contraste, a traição de Jorah Mormont, o cavaleiro em quem Daenerys depositou imensurável confiança e esteve com ela desde o início de sua trajetória, obteve uma reação muito diferente da Rainha dos Dragões. Enquanto dos espectadores tomam conhecimento já na primeira temporada sobre a forma como Jorah trai sua Rainha, Daenerys descobre apenas na quarta temporada. A descoberta acontece no oitavo episódio intitulado *The Mountain and The Viper*, quando Barristan Selmy descobre que Jorah atuou como um espião do Rei Baratheon ao fornecer informações sobre a princesa Targaryen em troca de um perdão real pelos crimes que Mormont cometeu.

O longo tempo durante o qual Daenerys tornou esse conselheiro uma parte de seu círculo de confiança, tornou a traição muito mais potente do que prévias traições que ela sofreu. Daniel Brett Weiss, em um episódio extra disponível exclusivamente na plataforma de *streaming* da HBO, que é sobre o que está por trás do episódio número oito da quarta temporada, aponta que Jorah representa para Daenerys uma âncora e ele fala sobre o quão devastadora a descoberta da deslealdade de seu conselheiro é para Daenerys – descobrir que a relação deles foi baseada em uma mentira, espalha o veneno da dúvida e da desconfiança na vida da Rainha dos Dragões. Jorah, conforme o segundo capítulo desse estudo aponta, representava para a Rainha Targaryen uma figura da qual ela foi desprovida sua vida inteira: uma figura masculina, paternal, em quem ela podia confiar e depender, e a mantinha fundamentada em razão, auxiliando no controle das emoções perigosas para um Rainha, como a raiva. Essa traição a torna despida dessa figura mais uma vez e o

sentimento de medo que resulta dessa perda a leva justamente para a emoção que ela deve evitar enquanto governante: a raiva.

A decisão tomada pela Rainha para punir o cavaleiro *westerosi* exilado pode ser considerada contida, pois ela decide o banir de sua corte e de Meereen – considerando que a alternativa poderia ser queimá-lo vivo, essa decisão demonstra que o contexto no qual essa traição acontece conta com uma Rainha que ainda está fortemente apegada ao elemento de sua continuidade biográfica que a mantém distante dos erros cometidos pelos seus antepassados. Esse elemento se trata da contenção do lado Targaryen do qual as pessoas temem, o lado da loucura. No episódio cinco da oitava temporada, intitulado *The Bells*, Varys tem uma fala que demonstra a dualidade dos membros da Casa Targaryen: “Dizem que toda vez que um Targaryen nasce, os deuses jogam uma moeda e o mundo prende a respiração” (*Game of Thrones*, HBO, 2011). Em comparação com o contexto da sétima e oitava temporada – nesse momento Daenerys já está em Westeros e muito mais distante do seu senso de moderação. Em termos poéticos, seria possível dizer que a Rainha dos Dragões abandonou sua moderação em Essos.

Eventualmente, o cavaleiro reconquista a confiança de Daenerys e ela o permite voltar a integrar seu círculo de confiança. No entanto, na oitava temporada, durante a guerra contra o Rei da Noite, ele morre para salvar sua Rainha. A morte de Jorah Mormont confirma para o espectador que a personagem que é objeto desse estudo, possui uma gama de emoções a serem exploradas muito grande. O laço entre ela e seu fiel escudeiro era forte e muito íntimo, e sua morte lhe desperta tristeza e medo, e não a raiva com a qual o espectador de *Game of Thrones* está habituado a ver em Daenerys. O argumento aqui presente é de que essa morte contribui fortemente para o definhamento da personagem e sua crescente insegurança ontológica, já que agora seu círculo de confiança diminuiu não apenas em tamanho, mas em força estrutural que permite que o círculo seja bem fundamentado.

Figura 17 – Daenerys durante o velório de Jorah Mormont



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

Quando se trata de mortes no círculo de confiança durante a oitava temporada da série, elas não se param em Jorah Mormont. Missandei, a escrava liberta por Daenerys em Astapor, que seguiu Daenerys e foi uma fiel aliada durante boa parte da jornada da Rainha, é assassinada por Cersei Lannister, na frente da Rainha Targaryen, em uma demonstração de força e crueldade. Esse assassinato é definitivamente a representação de uma virada de chave na atitude da Mãe dos Dragões em relação a como ela pretende derrotar Cersei e retomar o trono. A expressão da emoção sobre a qual já se foi muitas vezes falado sobre nesse capítulo é nítida na Figura 18. O autor desse estudo argumenta que o momento da morte de Missandei, representando mais uma cratera na segurança ontológica de Daenerys, é o momento em que o desfecho da história começa a ficar mais nítido.

A morte de Missandei acontece durante uma tentativa de um encontro pacífico para negociar a rendição de Porto Real, e o assassinato dela representa um claro ato de guerra por parte da Rainha Lannister. Naquele momento, torna-se claro para o espectador e para Daenerys Targaryen, que não haverá uma forma de derrotar Lannister que não envolva a violência.

Figura 18 – Daenerys no momento da morte de Missandei



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

Em seguida, no episódio posterior à morte de Missandei, e o penúltimo da oitava temporada, intitulado *The Bells*, Daenerys oferece o próximo indício do estado em que se encontra sua segurança ontológica. Após descobrir a traição de Varys, o Aranha, que descobriu sobre a verdadeira linhagem de Jon Snow e tentou tramar contra a Rainha Targaryen, ela o condena à morte pelo fogo do seu dragão. No episódio anterior a esse, Daenerys havia sido aconselhada por Varys a não destruir Porto Real, advertindo-a de que fazer isso a tornaria naquilo que ela procurava derrotar. A reação de Daenerys ao conselho recebido do Aranha, demonstra um comportamento de um indivíduo ontologicamente inseguro sobre o qual o primeiro capítulo do trabalho aborda. Se trata do comportamento dos Estados que Mitzen (2006) fala sobre ao apontar que Estados que buscam por segurança ontologicamente comumente retornam para os comportamentos que lhe possibilitaram sentir-se seguros ontologicamente no passado. A resposta que ela dá para Varys é de que independentemente do preço a ser pago, ela vai livrar o mundo de tiranos, que é uma fração de sua trajetória a qual ela se apegou enquanto lutava pela libertação dos escravos da Baía dos Escravos em Essos, e que ela decidiu que iria trazer para Westeros. Diante do conflito com Cersei, se apegar à noção de que tudo que ela fizer

durante essa guerra é pela libertação dos oprimidos, auxilia no esforço de aliviar sua insegurança ontológica.

O último acontecimento que esse capítulo classifica como uma causa da insegurança ontológica de Daenerys Targaryen antes do Epílogo da Rainha dos Dragões, é a traição de Jon Snow. Conforme dito na sessão anterior, ela havia pedido para ele que não contasse o segredo da verdadeira linhagem do suposto bastardo de Ned Stark, que na verdade era o filho de Rhaegar Targaryen, pois se esse segredo se espalhasse, com certeza as Casas de Westeros e o povo se rebelaria contra a Rainha Daenerys em prol de Jon Snow, o verdadeiro e legítimo herdeiro do Trono de Ferro. No entanto, Jon Snow não consegue mentir para os membros da família Stark, e revela a verdadeira história para eles – o que acaba fazendo com que Tyrion e Varys também descubram, tornando esse segredo cada vez menos secreto e mais volátil. Apesar dessa traição, Daenerys ainda poupa Jon Snow, o que é intrigante para o espectador e para esse estudo. O que é possível argumentar é que ela tinha consciência de que sua aliança com Jon Snow lhe garantia poder sobre o Norte, então ela deveria agir com cautela em relação a Jon Snow. Além disso, havia entre eles a relação amorosa sobre a qual esse trabalho não procura se aprofundar demasiadamente, mas que definitivamente tem o potencial de influenciar o julgamento da situação pela Rainha dos Dragões.

Olhando para os eventos analisados nesse capítulo, é possível entender que Daenerys Targaryen é uma personagem complexa, que teve sua segurança ontológica ameaçada diversas vezes e que lidou com essas ameaças de diferentes formas, e essas diferenças são resultados dos diferentes contextos das ameaças dentro da narrativa de Daenerys. À medida que sua legitimidade, seus dragões e seu círculo de confiança eram erodidos, se vê uma personagem que oscila entre o desejo de ser uma líder justa e a ameaça de se tornar uma tirana. A análise desses três pilares nos ajuda a compreender melhor os eventos que culminaram no desfecho dramático de Daenerys Targaryen na série *Game of Thrones*.

4.4 O PAPEL DE CERSEI LANNISTER NA INSEGURANÇA DE DAENERYS TARGARYEN

Existe outra personagem feminina que desperta o interesse de muitos espectadores, e já foi e ainda será objeto de estudos acadêmicos sobre a série televisiva e os livros de George R. R. Martin, essa personagem é Cersei Lannister. Se trata da filha única de Tywin Lannister, o chefe da Casa Lannister que é uma das mais ricas e poderosas de Westeros. Tywin se certifica de que sua Casa estará sempre no poder ao casar sua filha com Robert Baratheon, que virou Rei após a sua rebelião derrubar o último Rei Targaryen. Esse casamento culmina na ascensão de Cersei ao trono no final da sexta temporada após a morte de seu filho mais novo que ocupava a posição até então.

Assim, Cersei Lannister ocupa um papel de ligação direta com a narrativa com Daenerys, mesmo que elas demorem várias temporadas para interagir diretamente. Além de ela ser a Rainha que se senta no trono cobiçado pela Mãe dos Dragões quando ela finalmente desembarca nas costas de Westeros e, portanto, é a Cersei que Daenerys deverá derrotar para reconquistar a posição que ela passou sua vida inteira almejando, a Rainha Lannister é também a representante da Casa que foi responsável não só pela derrubada da Casa Targaryen, mas também pelo assassinato da maioria de seus últimos membros.

Figura 19 – Cersei Lannister no Trono de Ferro



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

Levando isso em consideração, essa é uma personagem que esse estudo enxerga como uma personificação do que aqui é chamada de anti-identidade. Esse termo é utilizado a partir do que o autor desse estudo explora sobre o conceito de autoidentidade quando se trata de segurança ontológica no primeiro capítulo do trabalho. Giddens (1991) aponta a autoidentidade como a compreensão que o ‘eu’ tem do que ele é através da reflexividade sobre as próprias ações e desejos, ou seja, a autoidentidade de Daenerys será construída desde seu primeiro momento como uma adolescente que se torna uma khaleesi, até quando ela está diante de um exército o qual ela usa para libertar toda uma região de Essos da escravidão e adota para si o título de Quebradora de Correntes. São diversos os momentos da série e dos livros, alguns devidamente citados nesse trabalho, que ilustram a visão que Daenerys tem de si mesma. Ela se considera a verdadeira e legítima herdeira do Trono de Ferro, uma libertadora dos oprimidos e uma revolucionária que vai retomar a posição de poder para tornar Westeros do mundo um lugar melhor. Ao longo de sua jornada ela aprende que essa missão vai exigir pulso firme e derramamento de sangue, no entanto, acima de tudo ela ainda se considera uma Rainha benevolente –

quando em Astapor ela afirma que não vai ser uma Rainha que utilizará da violência, e quando ela chega na Pedra do Dragão ela afirma que não quer ser Rainha das cinzas, ou seja, ela não quer causar destruição.

Isto significa que Cersei Lannister desempenha o papel de colocar em xeque a visão que Daenerys tem sobre si, por isso ela é chamada de anti-identidade. Essa função é desempenhada pela personagem interpretada por Lena Headey tanto para os espectadores, que dessa forma possuem um delineamento bastante claro do que está em oposição à Daenerys, assim como para a própria Rainha dos Dragões, que se vê obrigada a encarar esse obstáculo de alguma forma. Da mesma forma, o movimento inverso também é verdadeiro, e Daenerys atua como a anti-identidade de Cersei Lannister.

Em conclusão, a Rainha Lannister também é um fator que influencia no estado de insegurança ontológica de Daenerys Targaryen que a leva a tomar a decisão de destruir Porto Real. Ela faz isso tanto com ações diretas, como o assassinato da Missandei, conforme a seção anterior do capítulo abordou, assim como de uma forma mais abstrata, que seria esse papel de anti-identidade, representado tudo que é 'o contrário' para Daenerys Targaryen. As ações de Cersei Lannister servem como prova para Daenerys de que ela é uma Rainha cruel, que demonstra não se importar com seu povo, um tipo de Rainha que Daenerys despreza e não deseja ser. Por fim, a Rainha que Daenerys se torna não está muito distante da Rainha que Cersei foi, já que a insegurança ontológica de Daenerys acaba lhe afastando do tipo de Rainha que ela almejava ser.

4.5 O GRANDE EPÍLOGO

O encerramento da história de Daenerys possui duas fases: a destruição de Porto Real e a morte de Daenerys Targaryen.

Conforme o argumento construído no capítulo presente e no anterior, existiram três principais fatores que fizeram com que Daenerys decidisse unilateralmente destruir Porto Real na batalha final pela retomada do Trono de Ferro. Os fatores foram aqueles que atuaram em detrimento da segurança ontológica da personagem, como

a morte dos seus dragões, a ameaça à sua legitimidade ao trono e o enfraquecimento do seu círculo de confiança. A trajetória de Daenerys foi atravessada por esses três pilares que funcionaram como o fundamento para que ela alcançasse o seu destino: retomar o trono que havia pertencido a Casa Targaryen. A partir do momento que todos seus pilares foram enfraquecidos, Daenerys se encontrou em um estado de ansiedade²³ que lhe colocou em uma imensa insegurança ontológica.

O que esse estudo argumenta, é que a distorção na narrativa da Rainha dos Dragões causada por essa insegurança ontológica foi forte o suficiente para lhe fazer mudar de ideia sobre a destruição de Porto Real. A ansiedade que a personagem sente nessa situação é forte o suficiente para a impedir de enxergar qualquer outra saída para além da destruição da capital de Westeros no processo de retomada do Trono de Ferro. Isso se comprova diante dela ignorar os sinais de rendição da cidade, conforme Tyrion Lannister havia alertado sobre. Antes da batalha, Tyrion havia implorado que se os sinos da capital fossem tocados, isso significa a rendição da capital e evitaria que mais sangue fosse derramado, no entanto, eles foram tocados e completamente ignorados pela Rainha Targaryen e seu exército.

²³ Essa ansiedade é o estado de medo generalizado sobre qual Rumelili (2015) fala em seu livro.

Figura 20 – Cena de Drogon durante a invasão de Porto Real



Fonte: *Game of Thrones* (HBO, 2011)

Após a devastadora vitória de Daenerys Targaryen, ela finalmente alcançou o objetivo final: ela estava no poder e havia reconquistado a capital de Westeros. Seu discurso de vitória é intrigante, pois ele resgata o discurso que se iniciou em Essos quando ela decide tomar o título de Quebradora de Correntes e virar a libertadora da Baía dos Escravos – a Rainha Targaryen ainda mantinha, mesmo que cegamente, a forte autoidentidade de uma revolucionária libertadora dos oprimidos, mesmo depois de matar milhares de inocentes em Porto Real. Esse discurso demonstra a forma que a autoidentidade, na tentativa de manter intacta a continuidade biográfica que viabiliza um estado de segurança ontológica, pode tornar oblíqua a verdade dos fatos para o indivíduo ou Estado em questão. Pode-se dizer que a cegueira causada pela busca por segurança ontológica é uma característica comumente observada em Estados que foram responsáveis pelo colonialismo e o imperialismo, por exemplo, apesar de Steele (2008) falar sobre a forma que a segurança ontológica também atua no sentimento de vergonha do Estado em relação à tomada de decisões do passado que são incompatíveis com os atuais valores desse mesmo Estado, e de que forma isso impulsiona determinadas posturas por parte dele – talvez, em um desfecho alternativo da história de *Game of Thrones*, a morte da personagem não teria ocorrido e teríamos observado o que Steele aponta na narrativa de Daenerys Targaryen. Esse estudo não

procura se prolongar em fins alternativos, mas a possibilidade de eles existirem realçam a complexidade da análise aqui realizada, o que proporciona a oportunidade de trabalhos futuros serem desenvolvidos a partir dela.

Por fim, a segunda fase do epílogo seria a morte de Daenerys Targaryen. Ela ocorre pouco tempo depois da tomada violenta de Porto Real pelo exército da Rainha Targaryen. Daenerys morre pelas mãos daquele em quem ela continuou depositando confiança, mesmo depois dele ter quebrado essa confiança – Jon Snow. Os motivos pelos quais ela insistiu em confiar no Rei do Norte são intrigantes, e até mesmo podem ser considerados inconsistentes com a narrativa da personagem, mas o fato é que sua insistência em confiar nele, resultou no falecimento de Daenerys Targaryen.

A própria decisão de Jon Snow em assassinar sua Rainha, mesmo depois de ter prometido sua lealdade a ela, pode ser vista através da ótica da segurança ontológica. No entanto, a insegurança ontológica em questão é de Jon Snow. Diante dos horrores que ele presenciou durante a batalha pela conquista da capital de Westeros, Jon Snow se deparou em uma posição na qual ele estava servindo uma Rainha capaz de fazer coisas completamente desalinhadas com a honra e a moral dele. Para Jon Snow, sua honra e moral são elementos de sua autoidentidade que quando postas em risco, o levam para o mesmo estado de ansiedade no qual Daenerys se encontrava ao destruir a cidade. Sendo assim, o assassinato do que potencialmente seria a nova tirana no comando do Reino, surgiu para Jon Snow como a única solução possível, mesmo completamente ciente das consequências desse ato.

Não obstante, a decisão que Jon Snow toma ocorre em consequência do fardo que ele carrega em representar o próprio bem-estar de Westeros. As Grandes Casas enfrentam uma sanguinária revolução para livrar Westeros dos Targaryens e agora o Reino estava na mão da Filha do Rei Louco que havia sido destronado. O assassinato pode ser considerado um resultado da busca do Reino como um todo por sua segurança ontológica.

O desfecho da história de Daenerys Targaryen reflete, em última análise, a complexidade das questões relacionadas à segurança ontológica, autoidentidade e

moral. É um exemplo notável de como personagens e Estados podem ser impulsionados por essa busca e como isso pode moldar o curso da história. Daenerys Targaryen, uma vez vista como uma líder em busca de justiça, transformou-se em uma figura trágica, cuja jornada culminou em destruição e morte, deixando-nos com uma reflexão profunda sobre os dilemas morais e existenciais que permeiam a condição humana.

Os desdobramentos finais da narrativa de Daenerys também ecoam alguns dos argumentos de autores que falam sobre a segurança ontológica e foram mencionados ao longo desse estudo. A ansiedade que a personagem experimenta diante desses desafios a leva a uma forma de ação motivada por um desejo desesperado de recuperar sua continuidade biográfica – forma de ação essa que é o resultado da raiva que permeia outros momentos de sua narrativa nos quais ela sofreu ameaça. Indivíduos necessitam da continuidade biográfica para tomarem ações de acordo com aquilo que sua segurança ontológica permite ou os orienta a fazerem, a disrupção dessa continuidade biográfica resulta na disrupção de tomadas de ação, em níveis que variam de acordo com a gravidade dessa disrupção, e a mesma coisa se aplica aos Estados que buscam segurança ontológica pelas mesmas razões, conforme abordado no primeiro capítulo. O epílogo de Daenerys Targaryen demonstra perfeitamente o resultado que uma disrupção grave tem nas ações que o indivíduo inseguro ontologicamente toma. Importante notar, é claro, que o resultado final poderia ter sido diferente em função de uma trajetória distinta, mas é justamente a trajetória de Daenerys da forma que ela se dá que constrói o que é sua (in)segurança ontológica.

As conclusões que esse capítulo oferece são valiosas para os resultados desse estudo. Foi possível identificar ao analisar o enfraquecimento de cada um dos alicerces de Daenerys um desgaste crescente ao longo da última temporada da série televisiva, e o que se procurou argumentar ao longo do estudo é justamente como esse desgaste contínuo culminou no desfecho da história. Para além disso, entender o papel desempenhado por personagens como Jon Snow e Cersei Lannister foi extremamente importante. Enquanto Cersei tem uma função bastante interessante de algo que foi aqui chamado como anti-identidade, possibilitando a visualização do

nível de impacto que um indivíduo pode exercer sobre a segurança ontológica de outro, Jon Snow desempenha um papel distinto nessa narrativa, servindo como exceção e um exemplo claro de como diversos fatores para além da insegurança ontológica de Daenerys influenciaram no Epílogo da história da personagem. Aliás, esse capítulo tem como principal função esclarecer que, apesar de a insegurança ontológica ter sido o que o autor desse estudo considera o principal fator para o triste fim de Daenerys Targaryen, ele não foi o único. Observou-se como elementos como os sentimentos que ela nutriu por Jon Snow, o histórico de instabilidade mental na família dela, seu forte apego ao sentimento de raiva e vingança, sua incapacidade de superar a cegueira causada justamente pelo dispositivo da manutenção de continuidade biográfica; todos esses fatores, interferiram no desfecho. Esses elementos adentram discussões éticas, morais e existenciais que não são necessariamente aprofundadas nesse estudo em função de qual seu objetivo principal, mas mesmo assim, elas oferecem valiosos *insights* sobre o tema.

5 CONCLUSÃO

Durante o desenrolar deste trabalho, mergulhou-se profundamente na narrativa complexa e multifacetada da personagem Daenerys Targaryen. Através desta jornada, pudemos explorar e analisar como o conceito de segurança ontológica, originalmente aplicado ao indivíduo no campo da psicanálise, encontra um terreno fértil no contexto das Relações Internacionais por meio da trajetória de Daenerys, uma protagonista cuja busca por segurança ontológica é central para sua evolução como personagem.

A narrativa da personagem demonstra grande complexidade, e é notavelmente nítida a linha de evolução que os *showrunners* e o autor dos livros constroem para Daenerys Targaryen. Uma inocente adolescente, se transforma em uma líder muito bem munida de dispositivos que a permitem governar. Assim como qualquer governante, a busca por segurança ontológica é uma das coisas que direciona a sua tomada de decisões ao longo da história. Procurou-se estabelecer quais elementos influenciaram a formação da autoidentidade da Rainha dos Dragões, e que possibilitaram uma continuidade biográfica que, por consequência, garante a segurança ontológica dela. Ou seja, quais elementos interferiram em suas tomadas de decisões, e de que forma determinadas ameaças tornaram-na ontologicamente insegura.

Neste contexto, três pilares sustentaram sua busca: a legitimidade, os dragões e as alianças. Esses elementos estiveram entrelaçados de maneira complexa e se mostraram fundamentais para a compreensão de seu desenvolvimento. A legitimidade representou a reivindicação de sua casa ao Trono de Ferro, os dragões simbolizaram seu poder e herança, enquanto as alianças proporcionaram apoio e lealdade em sua busca pelo trono.

No entanto, como revelou essa análise, a busca por segurança ontológica não é um caminho retilíneo, e a protagonista teve que enfrentar desafios significativos. Foram várias as instâncias na qual Daenerys se encontrou em uma situação de insegurança ontológica, e ao longo do estudo foram elencadas algumas ameaças que proporcionaram essa insegurança.

Enquanto a morte de Khal Drogo representou uma perda pessoal que deslança o início de sua jornada de busca por segurança ontológica, a traição de Jorah Mormont, uma figura na qual ela depositava profunda confiança, desencadeou uma reação mais profunda, marcada por medo e desconfiança, sendo esses dois elementos responsáveis pelo aumento de insegurança ontológica no indivíduo ou no Estado. A morte de seus dragões, Viserion e Rhaegal, também desempenhou um papel crucial, pois eles representavam não apenas seu poder, mas sua herança e a conexão única que ela tinha com sua linhagem, e a ameaça de ter apenas um dragão em vez de três é diretamente conectada ao seu poderio militar para a retomada de Porto Real, a capital de Westeros.

Conforme apontado ao longo do trabalho, o epílogo dessa história sempre esteve fadado a ser sobre quem estaria sentado no Trono de Ferro, e para Daenerys, ocupar essa posição era o objetivo mais importante de sua vida, pois ela acredita que desde em que o momento que nasceu estava destinada para isso. A reconquista da capital de Westeros é central para a retomada do Trono de Ferro e, qualquer ameaça que a impedisse disso, era uma ameaça ao seu estado de segurança ontológica.

Ademais, a revelação de que Jon Snow era o verdadeiro herdeiro do Trono de Ferro comprometeu diretamente a legitimidade de Daenerys e desencadeou uma crescente paranoia, minando sua segurança ontológica de maneira cada vez mais evidente. A autoidentidade da Mãe dos Dragões foi construída baseada fortemente na crença de que ela era a última Targaryen, e que o Trono de Ferro era seu pelo direito e pelas tradições westerosi, já que a posição havia sido usurpada de sua família durante uma rebelião que elevou Robert Baratheon ao trono. Diante do conhecimento de que na verdade ela não era a última Targaryen e que haveria um herdeiro do sexo masculino, se torna fácil visualizar de que forma sua segurança ontológica foi debilitada.

Houve ainda o desmantelamento do seu círculo de confiança, que era tão importante para manter Daenerys segura ontologicamente quanto os outros elementos. A morte de Missandei e de Jorah, e as traições que ela sofreu, são diretamente responsáveis pelo resultado final de sua insegurança ontológica exposto

no capítulo anterior. Os episódios finais da série televisiva contam com a destruição avassaladora de Porto Real causada por Daenerys montada em Drogon juntamente com seu exército durante a invasão da capital. Apesar do penúltimo episódio da oitava temporada contar com um ritmo acelerado, ele ainda é capaz de transmitir ao espectador a rápida decadência da segurança ontológica de Daenerys que a leva à optar pela violência durante a invasão, mesmo diante da rendição dos defensores de Porto Real.

A destruição de Porto Real por Daenerys, um ato influenciado por sua insegurança ontológica profunda e crescente foi um exemplo marcante de como a busca desesperada por segurança ontológica pode levar a ações que desafiam a moral e a ética, resultando em um desfecho trágico para essa história. Diante da série de ameaças que ela sofreu, tendo os pilares do que lhe tornava ontologicamente segura arruinados, Daenerys foi incapaz de enxergar uma rota alternativa para a retomada do trono que não fosse a violência destrutiva da qual uma Targaryen montada em um dragão é capaz. Da mesma forma que seus antepassados haviam feito, a Rainha dos Dragões optou por conquistar através de fogo e sangue, conforme é o lema de sua Casa. Retornar para a violência que marca a história de sua família demonstra uma tentativa desesperada de busca por segurança ontológica que pode ser observada em um ator fortemente inseguro ontologicamente.

Ao abordar a hipótese central deste trabalho, que se concentra na insegurança ontológica de Daenerys Targaryen e sua relação com eventos como a perda dos dragões, a ameaça à legitimidade de sua reivindicação ao trono, a morte e traição de seus conselheiros e o antagonismo de Cersei, somos confrontados com a complexidade da evolução da personagem e o resultado surpreendente de sua jornada.

A hipótese postulou que a insegurança ontológica causada pela ruptura em sua narrativa resultaria em um desfecho brutal. No entanto, ao examinar as ações de Daenerys ao longo da série e compará-las ao seu desfecho, percebemos que a relação entre sua insegurança ontológica e sua ação final pode ser mais matizada do que inicialmente sugerido.

Daenerys enfrentou ameaças e desafios significativos ao longo de sua jornada, mas não reagiu de maneira unidimensional sempre que sua segurança ontológica foi ameaçada. Seu caráter e as escolhas que fez ao longo da série nos fornecem um retrato mais completo de sua complexidade. O principal fator que merece a devida atenção ao serem analisadas as ameaças que causam insegurança ontológica para Daenerys, é o contexto nas quais elas ocorrem, pois o momento de sua trajetória é central para compreender-se os resultados dessas ameaças.

Ao considerar a perda de seus dragões, eventos que certamente abalaram sua segurança ontológica, podemos observar diferenças em sua reação nas duas ocasiões. Enquanto na primeira, estando ciente da posição de fraqueza que ela ocupava no contexto da morte do primeiro dragão, a fuga foi a rota escolhida pela Rainha. No entanto, quando a morte do segundo dragão ocorre, qualquer análise de balanço de poder é descartada e a resposta de Daenerys é o ataque a frota de navios de Euron Greyjoy que foi o responsável pelo assassinato de Rhaegal. Já em Meereen, mesmo enfrentando desafios no seu governo da Baía dos Escravos, a Rainha dos Dragões procurou manter a liberdade e a justiça como norteadores de sua conduta. Apesar de na série televisiva o elemento da diplomacia em Meereen receber menos destaque, nos livros ela pode ser observada com mais frequência.

A ameaça à legitimidade de sua reivindicação ao trono também não resultou em uma conduta imediatamente violenta vindo de Daenerys. A descoberta das verdadeiras origens de Jon Snow colocou a Rainha em um estado forte de medo e desconfiança, da mesma forma que a traição de Jorah foi capaz de colocar. Ambas as situações obtêm resultados diferentes, no entanto. A forma que Daenerys lidou com a traição de Jorah Mormont foi muito mais enfática do que a forma com que ela lidou com a traição de Jon Snow. Comparando a conduta de ambas essas situações, com a forma com a qual Daenerys exerceu seu poder diante da traição que sofreu pelas mãos de sua criada dothraki, nota-se ainda mais uma grande diferença na intensidade da raiva e violência que a Rainha Targaryen demonstrou.

Diante das ações de Cersei Lannister, é possível observar que de início as reações de Daenerys Targaryen não são violentas. Mesmo diante do histórico das

duas famílias, que desempenha um importante papel nessa rivalidade, Daenerys realiza o esforço de se manter benelovente e piedosa. Isso muda quando ela percebe que essa tática não surtirá efeito algum sobre Cersei. Principalmente depois do assassinato de Missandei, Daenerys deixa de demonstrar interesse em retomar o trono de forma amena e sem o derramamento de sangue.

A narrativa de Daenerys Targaryen, analisada à luz do conceito de segurança ontológica, oferece uma profunda reflexão sobre questões morais e existenciais. A busca desesperada por segurança ontológica pode moldar o curso da história, e Daenerys serve como um exemplo notável de como esse conceito complexo pode ser iluminado por meio da ficção.

Analisando comparativamente as situações nas quais Daenerys é ameaçada, é possível obter o falseamento da hipótese desse trabalho. A mera ameaça à segurança ontológica não é responsável por si só pelos atos violentos de Daenerys Targaryen, no entanto, a combinação de ameaças aos elementos que contribuem para a construção de sua autoidentidade e de sua continuidade biográfica, juntamente com seus valores éticos e morais, seu desejo insaciável de governar e, o cenário político e estratégico do seu governo sob Westeros, contribuem para um estado de segurança ontológica no qual essa personagem tão complexa, acaba optando pela saída mais simples de destruir a capital durante o processo de retomada.

Ou seja, ao se comparar a destruição de Porto Real com outras situações de insegurança ontológica de Daenerys Targaryen, permanece intacta a hipótese aqui apresentada de que esse desfecho ocorre em função de uma combinação de ameaças a elementos que são fundamentais para a segurança ontológica de Daenerys, diferente de outras ameaças que apesar de também gerarem insegurança ontológica, se tratavam de ameaças de menor magnitude.

Todavia, não é possível atestar que a insegurança ontológica foi a única propulsora da decisão de Daenerys em destruir Porto Real, já que outros elementos também desempenharam um importante papel nesse desfecho. Entre eles, os papéis de gênero em Westeros, pressões políticas e militares, questões de valores éticos e morais, que são pontos de análise que oferecem espaço fértil para estudos já

existentes e que ainda serão feitos no campo acadêmico de Relações Internacionais e demais campos de estudo.

O que se comprova, é que a aplicação da segurança ontológica nas Relações Internacionais, usando Daenerys Targaryen como uma lente, nos permite extrair diversas conclusões que podem ser aplicadas ao mundo real. Primeiramente, a narrativa destaca como a busca por segurança ontológica é uma parte fundamental da condição humana e como esse desejo pode motivar ações drásticas. Essas ações podem incluir a busca pelo poder, a preservação da autoidentidade e a manutenção da continuidade biográfica. Apesar de ainda haverem aqueles que questionam essa premissa, diversos autores da área das RI já consideram que os Estados buscam por segurança ontológica assim como os indivíduos e, portanto, essa análise também explicita a forma como o sistema internacional também é afetado drasticamente pelos resultados das tomadas de decisões que ocorrem em função da (in)segurança ontológica dos Estados.

Em suma, a relação entre a insegurança ontológica de Daenerys e suas ações finais é multifacetada e não pode ser reduzida a uma causa única. A realidade funciona da mesma forma e é governada por uma interseção complexa de motivos, dilemas éticos, políticos e emocionais.

Por exemplo, a rivalidade e a competição por recursos escassos, representadas pela luta pelo Trono de Ferro, também ecoam os desafios contemporâneos nas Relações Internacionais. A busca por recursos, influência e poder é uma constante na arena internacional, e a série nos lembra de que esses desafios podem moldar as ações dos Estados. Ações essas que nunca serão definidas por fatores simples, muito pelo contrário.

Além disso, este estudo oferece uma visão mais holística dos desafios de segurança que afetam a sociedade contemporânea. A análise da segurança ontológica em nível individual nos ajuda a compreender os dilemas éticos e morais que permeiam as relações internacionais. A busca por segurança ontológica está entrelaçada com a necessidade de poder, reconhecimento e autodeterminação, e esses desejos muitas vezes entram em conflito com considerações éticas.

Em última análise, a narrativa de Daenerys Targaryen é um lembrete poderoso de como a ficção pode iluminar conceitos complexos. Um dos objetivos específicos desse trabalho girava em torno justamente da importância de tornar o campo acadêmico das RI mais acessível àquelas pessoas que não estão inseridas nele, mas que tem muito a ensinar aos estudiosos da área e muito a aprender com eles. Esse trabalho foi realizado através daquilo que Croft e Vaughan-Williams (2016) chama de virada vernacular dos estudos segurança internacional. A aplicação do conceito de segurança ontológica às Relações Internacionais nos fornece uma lente única para analisar os desafios da arena global, ajudando-nos a entender as motivações, os dilemas éticos e as complexidades que moldam a política internacional.

Em conclusão, o conceito de segurança ontológica se mostrou extremamente relevante para a análise da trajetória de Daenerys Targaryen. Sua jornada, repleta de desafios, perdas e triunfos, destaca a importância da busca pela segurança ontológica na narrativa, ao mesmo tempo em que fornece *insights* valiosos para a compreensão das Relações Internacionais. Este estudo nos lembra que, assim como na ficção, a busca pela segurança ontológica desempenha um papel fundamental nas decisões dos Estados, nas relações globais e nas tensões éticas e morais que moldam o cenário internacional. Portanto, a jornada de Daenerys Targaryen não é apenas uma narrativa fictícia; é um espelho que reflete a complexidade da busca pela segurança ontológica, tanto no mundo fictício quanto no real. É uma narrativa que continua a cativar fãs da série e a desafiar estudiosos das Relações Internacionais, oferecendo uma profunda reflexão sobre as questões morais e existenciais que afetam a sociedade contemporânea e os Estados na busca por segurança ontológica. Em suma, a relação entre a insegurança ontológica de Daenerys e suas ações finais é multifacetada e não pode ser reduzida a uma causa única. O estudo da personagem revela que a ficção, assim como a realidade, é frequentemente governada por uma interseção complexa de motivos, dilemas éticos, políticos e emocionais.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 1974[2004].

ANDREWS, Molly; SQUIRE, Corinne; TAMBOUKOU, Maria. **Doing Narrative Research**. 2nd ed. Los Angeles: SAGE, 2013.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **A Storm of Swords**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2009.

BEIK, William. The Absolutism of Louis XIV as Social Collaboration*. **Past & Present**, [S.L.], v. 188, n. 1, p. 195-224, ago. 2005. Oxford University Press (OUP). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1093/pastj/gti019>. Acesso em: 08 nov. 2023.

BONNEY, Richard. ABSOLUTISM: what's in a name?. **French History**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 93-117, 1987. Oxford University Press (OUP). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1093/fh/1.1.93>. Acesso em: 08 nov. 2023.

CHERNOBROV, Dmitry. Ontological Security and Public (Mis)Recognition of International Crises: uncertainty, political imagining, and the self. **Political Psychology**, [S.L.], v. 37, n. 5, p. 581-596, mar. 2016. Wiley. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/pops.12334>. Acesso em: 08 nov. 2023.

CROFT, Stuart; VAUGHAN-WILLIAMS, Nick. Fit for purpose? Fitting ontological security studies 'into' the discipline of International Relations: towards a vernacular turn. **Cooperation And Conflict**, [S.L.], v. 52, n. 1, p. 12-30, jul. 2016. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0010836716653159>. Acesso em: 30 jun. 2023.

GAME of Thrones. Direção de David Benioff e D.B. Weiss. EUA: HBO, 2011.

GIDDENS, Anthony. **Self and Society in the Late Modern Age**. Cambridge: Polity Press, 1991.

GJELSVIK, Anne; SCHUBART, Rikke (ed.). **Women of Ice and Fire: gender, game of thrones, and multiple media engagements**. Londres: Bloomsbury Academic, 2016.

GUSTAFSSON, Karl; KRICKEL-CHOI, Nina C.. Returning to the roots of ontological security: insights from the existentialist anxiety literature. **European Journal Of International Relations**, [S.L.], v. 26, n. 3, p. 875-895, 8 jun. 2020. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1354066120927073>. Acesso em: 30 jun. 2023.

KINNVALL, Catarina. **Globalization and Religious Nationalism in India: the search for ontological security**. Nova Iorque: Routledge, 2006.

KINNVALL, Catarina; MITZEN, Jennifer. An introduction to the special issue: ontological securities in world politics. **Cooperation And Conflict**, [S.L.], v. 52, n. 1, p. 3-11, jul. 2016. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0010836716653162>. Acesso em: 30 jun. 2023.

KOSSMANN, E. H.. The Singularity of Absolutism. **Louis XIV And Absolutism**, [S.L.], p. 3-17, 1976. Palgrave Macmillan UK. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1007/978-1-349-16981-8_1. Acesso em: 08 nov. 2023.

LAING, R. D.. **The Divided Self**: an existential study in sanity and madness. Harmondsworth: Penguin Books, 1965.

MANITA, Celina. Evolução das significações em trajetórias de droga-crime (II): novos sentidos para a intervenção psicológica com toxicodependentes?. **Revista Toxicodependências**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 59-72, ago. 2001. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6882/2/82679.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2023.

MITZEN, Jennifer. Ontological Security in World Politics: state identity and the security dilemma. **European Journal Of International Relations**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 341-370, set. 2006. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1354066106067346>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MARTIN, George R. R. **A Game of Thrones**. Nova Iorque: Bantam Books, 1996.

MARTIN, George R. R. **A Dance With Dragons**. [Reino Unido]: Voyager Books, 2011.

MARTIN, George R. R.. **The Lands of Ice and Fire**. [Reino Unido]: Harper Voyager, 2012.

MARTIN, George R. R. **Fire and Blood**. Nova Iorque: Bantam Books, 2018.

MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2001.

OLESKER, Ronnie. Chaos is a ladder: a study of identity, norms, and power transition in the game of thrones universe. **The British Journal Of Politics And International Relations**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 47-64, out. 2019. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1369148119885065>. Acesso em: 30 jun. 2023.

RUMELILI, Bahar. **Conflict Resolution and Ontological Security**: peace anxieties. Nova Iorque: Routledge, 2015

STEELE, Brent J.. **Ontological Security in International Relations**: self-identity and the ir state. Nova Iorque: Routledge, 2008.